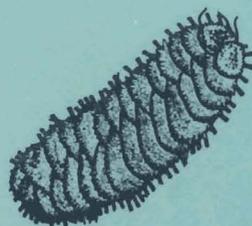
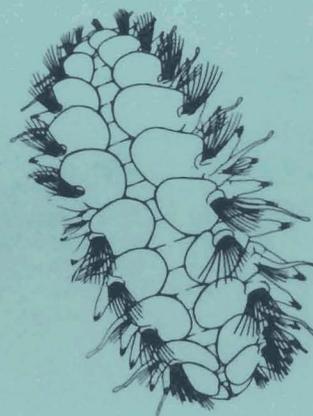


A. Cecília Z. Amaral  
Edmundo F. Nonato

3

# *Anelídeos Poliquetos da Costa Brasileira*

**Aphroditidae e Polynoidae**



**CNPq**

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO  
CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO

**A. Cecília Z. Amaral**

Departamento de Zoologia, Instituto de Biologia – UNICAMP

**Edmundo F. Nonato**

Instituto Oceanográfico – USP

3

# *Anelídeos Poliquetos da Costa Brasileira*

**Aphroditidae e Polynoidae**

**Desenhos: Toyomi Naruto**

*Autores: Dr. A. Cecília Zacagnini Amaral  
Departamento de Zoologia  
Instituto de Biologia - UNICAMP*



CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO  
CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO  
Coordenação Editorial Brasília 1982

# Sumário

<i>INTRODUÇÃO</i>	7
<b>III. APHRODITIDAE E POLYNOIDAE</b>	9
<i>LISTA SISTEMÁTICA DAS ESPÉCIES</i>	11
<i>FAMÍLIA APHRODITIDAE MALMGREN, 1867</i>	13
Gênero <i>Aphrodita</i> Linnaeus, 1758	13
Gênero <i>Aphroditella</i> Roule, 1898	14
Gênero <i>Aphrogenia</i> Kinberg, 1855	15
Gênero <i>Laetmonice</i> Kinberg, 1855	15
Gênero <i>Pontogenia</i> Claparède, 1868	16
<i>FAMÍLIA POLYNOIDAE MALMGREN, 1867</i>	17
Gênero <i>Antinoë</i> Kinberg, 1855	18
Gênero <i>Chaetacanthus</i> Seidler, 1924	18
Gênero <i>Eunoë</i> Malmgren, 1865	19
Gênero <i>Euphionella</i> Monro, 1936	20
Gênero <i>Halosydna</i> Kinberg, 1855	20
Gênero <i>Halosydnella</i> Hartman, 1938	21
Gênero <i>Harmothoë</i> Kinberg, 1855	22
Gênero <i>Lagisca</i> Malmgren, 1865	23
Gênero <i>Lepidasthenia</i> Malmgren, 1867	24
Gênero <i>Lepidonotus</i> Leach, 1816	24
Gênero <i>Robertianella</i> (McIntosh, 1885)	25
<i>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</i>	27
<i>ILUSTRAÇÕES</i>	29

# Introdução

Com este terceiro fascículo do trabalho sobre os anelídeos poliquetos da costa brasileira, damos início, à parte taxonômica propriamente dita. Toda a costa brasileira foi considerada; entretanto, é necessário salientar que atualmente dispomos de melhores informações sobre a fauna de poliquetos da região centro-sul, onde um maior número de coletas tem sido realizada nestes últimos anos.

Sendo esta uma primeira tentativa para reunir de forma coerente as informações disponíveis sobre a fauna de poliquetos do Brasil e tendo em conta o número relativamente grande das espécies já conhecidas, consideramos conveniente elaborar, descrições sucintas das famílias, gêneros e espécies, indicando em cada caso a descrição original e as referências essenciais à sinonímia. Sempre que possível foram, também, incluídas citações de trabalhos que contribuem efetivamente para complementar (com detalhes, figuras, etc) as diagnoses. Excetuadas as poucas espécies conhecidas apenas através da descrição original, as

demais são fundamentadas no exame de material da costa brasileira, e quando necessária, completadas com novas ilustrações. Uma discussão incluindo comparações com espécies próximas e a distribuição geográfica detalhada só foi incluída quando essencial à melhor identificação da espécie.

Para ordenar as diferentes famílias, adotamos o critério taxonômico de Hartman, como estabelecido em seu "Catalogue of Polychaetous Annelids of the World" (1959-1965).

Esta parte é dedicada às famílias Aphroditidae e Polynoidae; a primeira representada no Brasil por 5 gêneros e 6 espécies; a segunda por 11 gêneros e 20 espécies. Nove outras espécies consideradas indetermináveis por diferentes autores são apenas mencionadas. Estas famílias fazem parte de um grupo que inclui ainda os Polyodontidae, Sigalionidae e Eulepethidae e tem como característica mais evidente a presença de escamas ou "élitros", que substituem os cirros dorsais em um certo número de segmentos.

3

*Aphroditidae*  
*e Polynoidae*

# Lista Sistemática das Espécies

## *Aphroditidae*

*Aphrodita aculeata* Linnaeus, 1761  
*Aphrodita longicornis* Kinberg, 1855  
*Aphroditella alta* (Kinberg, 1855)  
*Aphrogenia alba* Kinberg, 1855  
*Laetmonice parva* sp. nov.  
*Pontogenia chrysocoma* (Baird, 1865)

## *Polynoidea*

*Antinoë microps* Kinberg, 1855  
*Chaetacanthus magnificus* (Grube, 1875)  
*Eunoë papillosa* sp. nov.  
*Eunoë serrata* sp. nov.  
*Euphionella besnardi* sp. nov.  
*Halosydna glabra* Hartman, 1939  
*\*Halosydna pissisi* (Quatrefages, 1865)

*Halosydnella australis* (Kinberg, 1855)  
*Halosydnella brasiliensis* (Kinberg, 1858)  
*\*Halosydnella fusca* (Müller, 1858)  
*\*Halosydnella punctulata* (Grube, 1856)  
*Harmothoë aculeata* Andrews, 1891  
*Harmothoë ernesti* Augener, 1931  
*Harmothoë lunulata* (delle Chiaje, 1841)  
*Harmothoë macginitiei* Pettibone, 1955  
*Lagisca lepida* sp. nov.  
*Lepidasthenia esbelta* sp. nov.  
*Lepidasthenia virens* (Blanchard, 1849)  
*Lepidonotus brasiliensis* (Quatrefages, 1865)  
*Lepidonotus caeruleus* Kinberg, 1855  
*Lepidonotus panamensis* (Hartman, 1939)  
*Lepidonotus tenuisetosus* (Gravier, 1901)  
*\*Malmgrenia marquesensis* (Monro, 1928)  
*\*Polynoë lunifera* Müller, 1858  
*\*Polynoë pallida* Müller, 1858  
*\*Polynoë pallidula* Grube, 1876  
*\*Polynoë nigrovittata* Grube, 1856  
*\*Polynoë opisthoglene* Grube, 1876  
*Robertianella synophthalma* McIntosh, 1855

\* Espécies referidas para a costa brasileira, porém indetermináveis.

# Família *APHRODITIDAE*

## Malmgren, 1867

Corpo relativamente curto e largo, achatado; plano na face ventral e abaulado na face dorsal. Prostômio globuloso, com uma única antena mediana e um par de longos palpos. Olhos sésseis ou pedunculados. Tubérculo facial sempre presente. Parapódios do primeiro segmento dirigidos para frente; com um par de cirros longos e um pequeno feixe de cerdas capilares. Parapódios dos demais segmentos, birremes, com cerdas notopodiais de diferentes tipos, incluindo cerdas capilares muito longas que, em alguns gêneros, formam um feltro dorsal que pode ocultar as escamas; além de cerdas aciculares ou em forma de arpão. Cerdas neuropodiais simples ou furcadas. Faringe musculosa eversível, geralmente inerte.

### Chave para Gêneros

1. Com feltro dorsal espesso ocultando completamente as escamas  
   . Com feltro dorsal pouco desenvolvido
2. Cerdas notopodiais robustas, aciculares e distalmente aguçadas, perfurando o feltro dorsal  
   . Cerdas notopodiais, débeis, achatadas, terminando em gancho e não perfurando completamente o feltro dorsal
3. Com cerdas notopodiais em arpão e cerdas pectinadas  
   . Desprovidos de cerdas em arpão e de cerdas pectinadas

*Aphrodita*

*Aphroditella*

*Laetmonice*

4

4. Cerdas notopodiais lisas, em forma de sabre  
   . Cerdas notopodiais largas, com margem espinhosa

*Aphrogenia*

*Pontogenia*

### Gênero *Aphrodita* Linnaeus, 1758

Corpo oval, com 35-45 setígeros bem distintos na face ventral; afilado na região posterior. Dorso totalmente coberto por um feltro que oculta completamente as escamas. Prostômio com antena curta e tubérculo facial comprimido; olhos sésseis. Escamas largas, glabras, geralmente em número de 15 pares; fortemente imbricadas. Cirro dorsal, onde presente, filiforme; cirros ventrais curtos, subulados. Cerdas notopodiais de três tipos: **capilares muito longas**, entrelaçadas sobre o dorso; **capilares curtas** iridescentes, dispostas lateralmente; **aciculares** robustas, de brilho metálico, proeminentemente, projetando-se através do feltro. Cerdas neuropodiais **aciculares**, lisas ou farpadas.

Formas robustas, podendo alcançar até 150 mm de comprimento.

### Chave para Espécies

1. Primeiro par de parapódios com um lóbulo dorsal carnoso *Aphrodita longicornis*  
   . Primeiro par de parapódios sem lóbulo dorsal carnoso *Aphrodita aculeata*

## **Aphrodita aculeata Linnaeus, 1761**

*Aphrodite aculeata*, Fauvel, 1923: 33-34, Fig. 10  
*Aphrodita aculeata*, Rullier & Amoureux, 1979:  
146

Corpo elíptico, alongado e robusto, alcançando 10 a 20 cm de comprimento, com cerca de 40 setígeros; ligeiramente afilado na região posterior. Face dorsal fortemente convexa, recoberta por um feltro denso. Prostômio piriforme, com antena mediana curta, subulada, sem ceratóforo aparente; dois olhos sésseis, pigmentados, colocados lateralmente no terço anterior. Tubérculo facial comprimido, papiloso. Palpos longos, delgados, com a superfície finamente papilosa. Escamas brancas, glabras, desprovidas de papilas de qualquer espécie. Cerdas notopodiais protetoras aciculares, curtas, ultrapassando o feltro em pequena extensão. Cerdas capilares sedosas, iridescentes, dispostas lateralmente. Cerdas ventrais lisas nos adultos e com a extremidade "pilosa" nos jovens.

**DISTRIBUIÇÃO** — Atlântico Norte, Mediterrâneo e Índico. Sua ocorrência na costa brasileira é referida com reservas, vide Rullier & Amoureux (1979). O único exemplar examinado pelos autores foi coletado ao largo da Ponta da Juréia, no litoral sul de São Paulo.

### **Aphrodita longicornis Kinberg, 1855 (Fig. 1-2).**

*Aphrodita longicornis* Kinberg, 1910: 4, est. 1, fig. 3. Orensanz, 1972: 505-511, est. 1.  
*Aphrodita magna* Treadwell, 1925: 1, fig. 1 e 2.

**MATERIAL EXAMINADO** — 52 exemplares provenientes de 12 estações GEDIP e de arrastos de pesca na plataforma, entre Santa Catarina e Rio de Janeiro.

Corpo elíptico, alongado, robusto, alcançando até 150 mm de comprimento e 60 mm de largura, com cerca de 40 setígeros; afilado na região posterior. Prostômio globuloso, com a antena mediana relativamente longa, inserida sobre ceratóforo cônico, também longo; com olhos grandes e pouco pigmentados. Antena, palpos e cirros tentaculares glabros (Fig. 1). Escamas coriáceas, largas, glabras e de aparência láctea, solidamente inseridas sobre elitróforos muito curtos; em número de 14-15 pares. Feltro espesso, recobrendo totalmente a face dorsal; atravessado pelas longas cerdas protetoras aciculares, que se curvam sobre o dorso; geralmente retendo detritos pulverulentos que lhe dão cor parda característica. Superfície ventral rugosa, coberta por papilas esféricas minúsculas. Primeiro par de parapódios com um lóbulo dorsal carnoso (Fig. 2). Cerdas notopodiais superiores

aciculares, muito longas e robustas, de cor marrom-avermelhada metálica nos exemplares adultos e amarelo dourado nos jovens, cerdas notopodiais inferiores longas, delgadas; cerdas capilares muito longas, formando feltro compacto, resistente. Cerdas neuropodiais semelhantes às notopodiais superiores, porém muito mais curtas e delgadas, ligeiramente curvas; as do 2º e 3º setígeros longas e farpadas nos dois bordos; as dos segmentos posteriores capilares espinhosas.

**DISTRIBUIÇÃO** — Atlântico sul-ocidental, do Rio de Janeiro à Argentina (Porto Deseado); comum em fundos de lodo arenoso em arrastos na plataforma (5-200 m).

## **Gênero *Aphroditella* Roule, 1898**

Corpo oval, com cerca de 40 setígeros; afilado na região posterior. Feltro dorsal espesso. Prostômio com tubérculo facial papiloso; olhos sésseis, fracamente pigmentados. Escamas glabras, em número de 15 pares. Cerdas notopodiais aciculares, delgadas e com a extremidade recurvada em gancho; em sua maioria totalmente ocultas pelo feltro dorsal; cerdas capilares longas e curtas, como em *Aphrodita*. Cerdas neuropodiais dos segmentos medianos aciculares robustas, com extremidade lisa ou pubescente; espinhosas, em alguns segmentos anteriores e posteriores.

Formas geralmente pequenas.

### ***Aphroditella alta* (Kinberg, 1855) (Fig. 3-4).**

*Aphrodita alta* Kinberg, 1910: 2-3; est. 1, fig. 1.  
*Aphroditella alta* (Kinberg): Orensanz, 1972: 511-516; est. 2, fig. 1-6; est. 3, fig. 3 e 4.

**MATERIAL EXAMINADO** — 8 exemplares provenientes de estações GEDIP e da Ilha Grande.

Corpo robusto, de forma ovalada e afilado na região posterior; constituído por cerca de 40 setígeros e geralmente não ultrapassando 50 mm de comprimento e uma largura de 25-30 mm, na região mediana. Região dorsal fortemente arqueada, recoberta por um feltro espesso que oculta totalmente as escamas e a quase totalidade das cerdas dorsais. Prostômio diminuto, globular, com antena curta e inserida sobre ceratóforo piriforme; tubérculo facial grande, papiloso. Duas áreas oculares salientes, não pigmentadas ou providas, cada uma, de um par de olhos punctiformes (Fig. 3). Superfície ventral coberta por papilas esféricas, relativamente grandes e conspícuas. Escamas delicadas, brancas e translúcidas, inteiramente ocultas pelo feltro dorsal; os últimos pares consideravelmente maiores

que os anteriores. Primeiro par de parapódios curto e robusto (Fig. 4). Cerdas dorsais protetoras achatadas, flexíveis e quase inteiramente inclusas no feltro; notopodiais medianas **capilares** curtas, iridescentes, projetando-se lateralmente. Cerdas neuropodiais robustas, aciculares, lisas ou fracamente espinhosas, com alguns acúleos na base.

**DISTRIBUIÇÃO** — Atlântico sul-ocidental do Rio de Janeiro à Patagônia-Argentina, na plataforma. Relativamente freqüente em arrastos de fundo, porém muito mais rara que *Aphrodita longicornis* que compartilha da mesma área de distribuição. Antártico, entre 160 e 1482 m de profundidade; África ocidental e meridional, na plataforma. Na costa brasileira ocorre em fundos de areia ou cascalho lodoso, na plataforma. Ao largo da Ilha Grande, RJ, foi coletada na profundidade de 1000 m.

### Gênero *Aphrogenia* Kinberg, 1855

Corpo elíptico, alongado, com cerca de 32 setígeros; sem feltro dorsal. Prostômio com antena longa e inserida sobre ceratóforo conspicuo; dois pares de olhos sésseis, dispostos sobre saliências globulosas laterais. Escamas glabras, coriáceas, em número de 13 pares. Cerdas notopodiais lisas, recurvadas em forma de sabre. Cerdas neuropodiais **furcadas**, com ramos desiguais; lisas nos segmentos medianos; com o ramo maior provido de espinhos nos segmentos anteriores e posteriores. Os neuropódios dos dois ou três primeiros setígeros são providos de um pequeno feixe de cerdas **espinhosas** ou **bipenadas**, curtas.

*Aphrogenia alba* Kinberg, 1855  
(Fig. 5-15).

*Aphrogenia alba* Kinberg, 1910: 6-7; est. 2, fig. 6a-b; Hartman, 1948: 16; est. 7, fig. 10-15.

**MATERIAL EXAMINADO** — um exemplar completo e perfeito, proveniente de uma estação ao largo da costa norte do Rio de Janeiro, profundidade 180 m.

Corpo oval, pouco comprimido, com cerca de 30 setígeros; feltro inconspícuo ou ausente (Fig. 5). Prostômio com uma única antena, longa, com a extremidade clavada; tubérculo facial alongado, verrucoso. Olhos globulosos, inseridos sobre omatóforos claviformes, curtos. Palpos longos, subulados, com a superfície coberta por papilas minúsculas. Cirros tentaculares longos, delgados, semelhantes à antena (Fig. 6). Escamas lisas e sem franjas, em número de 15 pares cobrindo inteiramente o dorso; o primeiro e o último minúsculo (Fig. 5). Segmento tentacular (1º setígero) com cerdas capi-

lares dispostas em leque. Segundo setígero (1º com escama) com cerdas notopodiais longas e robustas, em forma de sabre, com 2-3 dentículos na extremidade (Fig. 9); cerdas neuropodiais **furcadas**; cirro ventral subulado, mais longo que as cerdas. O 3º setígero (Fig. 7) com cirro dorsal muito longo; notopódio com 3-4 cerdas robustas, em **sabre**; neuropódio com cerdas **furcadas** com 2-4 dentes grandes (Fig. 10-11-12), acompanhadas por um pequeno feixe de cerdas **capilares serrilhadas** (Fig. 13-14). Segmentos da região mediana (Fig. 8), com cerdas notopodiais **em sabre**, retas e neuropodiais **furcadas**, com um único dente acessório, grande e aguçado (Fig. 15). Cerdas dos segmentos com cirros, mais curtas que as dos providos de escamas. Papilas dérmicas esféricas, numerosas e conspícuas. Cirros parapodiais com a extremidade pigmentada.

**DISCUSSÃO** — O único exemplar examinado, do Cabo de São Thomé tem características praticamente idênticas às do tipo, como redescrito e figurado por Hartman; sendo apenas, **menor**, medindo cerca de 10 mm de comprimento. Cerdas dos segmentos cirríferos, mais curtas que as dos segmentos com escamas, foram descritas também para *A. villosa* Horst; porém, nessa espécie as cerdas têm a margem "espinhosa" (Horst, 1917; est. 14, fig. 11).

**DISTRIBUIÇÃO** — O tipo provém da Ilha de São Thomé, nas Antilhas e era, até o presente, o único exemplar conhecido. A ocorrência aqui mencionada estende a distribuição da espécie até a costa sul do Brasil, Cabo de São Thomé (22° S-41° W).

### Gênero *Laetmonice* Kinberg, 1855

Corpo alongado, comprimido, com os segmentos medianos de largura uniforme; com cerca de 40 setígeros. Feltro dorsal pouco desenvolvido, não ocultando as escamas. Prostômio triangular, com antena longa e subulada; omatóforos curtos, com ou sem olhos pigmentados. Escamas glabras, lácteas, em número de 14 a 20 pares, recobrimo completamente o dorso. Cerdas notopodiais de 3 tipos: **capilares**, longas e muito finas, formando feltro apenas sobre a base dos parapódios; **aciculares** e em **arpão**, longas e robustas, com extremidade provida de 2-4 farpas. Neuropódios longos, cônico-tubulares, com um pequeno número de cerdas aciculares cuja parte distal é provida de um acúleo e uma longa fileira lateral de bárbulas.

*Laetmonice parva* sp. nov.  
(Fig. 16-23).

**MATERIAL EXAMINADO** — 7 exemplares, com-

pletos; o tipo e 3 parátipos provém da estação GEDIP 401, RS.

Corpo elíptico, curto e largo, fortemente comprimido e inteiramente coberto pelas escamas; com segmentos curtos mas bem destacados. O tipo, com 30 setígeros, mede 25 mm de comprimento, com uma largura na região mediana de 10 mm. Feltro dorsal pouco desenvolvido, restrito à base dos parapódios (Fig. 17). Prostômio regular, mais longo que largo, com omatóforos conspícuos mas desprovidos de pigmento; lóbulo facial volumoso, pregueado. Uma antena única, longa e subulada; palpos longos, relativamente delgados, alcançando quando rebatidos o 14º setígero (Fig. 16). Escamas grandes lácteas, desprovidas de ornamentação. Cerdas notopodiais de 3 tipos: **capilares**, muito finas; **aciculares**, retas e aguçadas; **em arpão**, com haste fortemente achatada (laminar) provida de saliências em forma de acúleo e extremidade aguçada, com 2 ou 3 farpas grandes (Fig. 18, 19). Cerdas neuropodiais de dois tipos: **aciculares**, delgadas e pectinadas ou **plumosas**, com haste longa e um grande espinho na base da parte distal (Fig. 20). Extremidade apical dos neuropódios com um processo ou apêndice cirriforme-subulado (Fig. 21, 22, 23). Superfície do corpo desprovida de papilas.

O nome específico é dado em função de seu pequeno tamanho, quando comparado com as espécies já conhecidas.

*Laetmonice* sp. Horst, 1917, tem cerdas em arpão laminares, semelhantes às de *L. parva* sp. n.; porém as cerdas pectinadas não têm o espinho basal (est. 24, fig. 3 e 4).

**OCORRÊNCIA** — Rio Grande do Sul (Estações GEDIP 401 (1), 1646 (1), 1856 (2)) e Rio de Janeiro (Estação Ilha Grande 318 (3)).

## Gênero *Pontogenia* Claparède, 1868

Corpo elíptico ou alongado, pouco achatado; com cerca de 40 setígeros. Feltro dorsal rudimentar ou ausente. Prostômio globuloso, com antena curta e tubérculo facial bem desenvolvido; olhos pedunculados. Escamas glabras, ligeiramente imbricadas; em número de 15 pares. Cirros dorsais

filiformes; cirros ventrais curtos. Cerdas notopodiais de 3 tipos: **em cimitarra**, vítreas, espinhosas e recurvadas sobre o dorso; **capilares**, longas e curtas. Cerdas neuropodiais pouco numerosas, **furcadas**, robustas.

### *Pontogenia chrysocoma* (Baird, 1865).

*Hermione chrysocoma* Baird, 1865: 178.

*Pontogenia chrysocoma* Fauvel, 1923: 38-39, fig. 13a-f; Nonato & Luna, 1970: 65-66; est. 1, fig. 1-7; Rullier & Amoureux, 1979: 148.

Corpo curto, com cerca de 36 setígeros bem individualizados, feltro pouco denso, ocultando parcialmente as escamas; comprimento alcançando cerca de 25 mm. Prostômio pequeno, globuloso; tubérculo facial alongado, verrucoso. Uma única antena, multiarticulada. Dois pares de olhos, inseridos sobre omatóforos curtos; o anterior grande, o segundo reduzido a manchas punctiformes. Palpos robustos, papilosos. Cirros tentaculares e cirros parapodiais cilíndricos, articulados, semelhantes à antena. Escamas em número de 15 pares; grandes e fortemente imbricadas, com a superfície granulosa, porém sem franja de papilas. Parapódios com a superfície coberta por papilas granulosas; os da região anterior e mediana, largos, com o cirro dorsal longo e articulado, inserido sobre cirróforo conspícuo e o cirro ventral subulado, curto; os dos últimos segmentos reduzidos ou vestigiais, com apenas algumas cerdas curtas. Cerdas notopodiais de 3 tipos: **em cimitarra**, largas e recurvadas, com o bordo convexo dotado de duas fileiras de espinhos e extremidade acuminada; **delgadas**, ligeiramente espinhosas, semelhantes às primeiras, porém mais curtas e delicadas; **capilares** longas, formando o feltro. Cerdas neuropodiais uncinadas, muito robustas e em pequeno número.

Região ventral densamente coberta por papilas.

**DISTRIBUIÇÃO** — Brasil (Alagoas, Bahia e Espírito Santo), Mediterrâneo, Costa Ocidental da África. Day (1967: 35) menciona a ocorrência da espécie em Madagascar e Zanzibar; o que referimos com reservas.

# Família POLYNOIDAE

## Malmgren, 1867

Corpo curto e largo, achatado ou longo e vermiforme. Prostômio bilobado, com uma antena mediana e duas laterais; um par de palpos longos e geralmente quatro olhos sésseis; tubérculo facial pouco desenvolvido. Primeiro segmento com dois pares de cirros tentaculares e reduzido número de cerdas; os demais birremes com notopódio mais ou menos desenvolvido, com cerdas todas simples, de diferentes tipos mas nunca em forma de arpão. Sem feltro dorsal. Escamas em número de 12 a 24 pares, cobrindo totalmente o dorso, ou muito numerosas, de tamanho variável e com o bordo e a superfície geralmente ornamentadas por franjas e papilas. Faringe musculosa, eversível e armada de dois pares de peças quitinosas.

De vida livre ou comensais.

### Chave para Gêneros

1. Com escamas ao longo de todo o corpo, até os últimos segmentos . Região posterior do corpo desprovida de escamas 2
  - Com 12-13 pares de escamas 9
  - Com 15-16 pares de escamas 3
  - Com 18 pares de escamas *Halosydna* 6
  - Com 21 a 24 pares de escamas *Halosydnella*
  - Com mais de 24 pares de escamas *Lepidasthenia*

3. Com brânquias nos elitróforos ou na face dorsal dos parapódios.
  - Cerdas dorsais capilares 4
  - Sem brânquias. Cerdas dorsais robustas 5
4. Com expansões lamelares horizontais sobre a face dorsal dos segmentos cirríferos (pseudo-élitros)
  - Sem pseudo-élitros *Euphionella*  
*Chaetacanthus*
5. 12 pares de escamas. Antenas laterais com inserção terminal
  - 13 pares de escamas. Antenas laterais com inserção ventral *Lepidonotus*  
*Robertianella*
6. Prostômio com picos frontais mais ou menos conspícuos; antenas laterais com inserção ventral 7
  - Prostômio sem picos frontais; antenas laterais com inserção terminal *Malmgrenia* \*
7. Cerdas ventrais longas e delgadas, com extremidade capilar
  - Cerdas ventrais mais robustas que as dorsais; com a extremidade inteira *Antinoë*  
*Gattyana* \*\*
  - Cerdas ventrais mais delgadas que as dorsais; com a extremidade inteira ou bidentada 8

\* As espécies referidas para a costa brasileira são indetermináveis.

\*\* As espécies referidas para a costa brasileira são novas, com ocorrência ainda não publicada.

8. Cerdas ventrais com extremidade inteira *Eunoë*  
 . Cerdas ventrais com extremidade bidentada *Harmothoë*  
 . Cerdas vítreas, com um ou mais entalhes denteados *Scalisetosus* \*\*
9. Corpo longo (60 ou mais setíferos), com escamas limitadas à metade anterior *Polynoë* \*  
 . Corpo relativamente curto (40-50 setíferos), afilado na região posterior *Lagisca*

## Gênero *Antinoë* Kinberg, 1855

Corpo curto e elíptico, achatado; com cerca de 40 setíferos. Prostômio com picos frontais conspicuos e antenas laterais de inserção ventral; quatro olhos. 15 pares de escamas, cobrindo totalmente o dorso. Cerdas notopodiais robustas, com extremidade rombuda; neuropodiais delgadas, com o bordo fortemente denteado e a extremidade afilada.

### *Antinoë microps* Kinberg, 1855.

*Antonoë microps*: Kinberg, 1910: 20-21; est. 6, fig. 30; Hartman, 1948: 28-29; est. 2, fig. 1-5.

Corpo curto e largo; o único exemplar conhecido medindo 12 mm de comprimento e 5 mm de largura (com as cerdas). Prostômio ovalado, com dois pares de olhos minúsculos; antenas e palpos glabros, com extremidade afilada. Cirros tentaculares alcançando a extremidade dos palpos. Faringe inerme. Escamas reniformes, com superfície e margem lisas; em número de 14 pares. Parapódios com notopódio reduzido; cerdas notopodiais profundamente serrilhadas; neuropódio cônico, com cerdas mais delgadas que as dorsais, com os bordos serrilhados e a extremidade afilada. Cirro dorsal subulado, inserido sobre um ceratóforo longo; cirro ventral curto, acuminado.

**DISTRIBUIÇÃO** – Brasil (Rio de Janeiro - tipo).

## Gênero *Chaetacanthus* Seidler, 1924

Corpo curto e elíptico, robusto; com cerca de 26 setíferos. Prostômio bilobado, sem picos frontais, com antenas longas, as laterais com inserção terminal. Quatro olhos. 12 pares de escamas fortemente imbricadas e cobrindo totalmente o dorso; todas pesadamente ornamentadas com ma-

cro e microtubérculos na superfície exposta e o bordo dotado de uma franja de papilas longas. Superfície dorsal dos parapódios e elitróforos com expansões saculares digitiformes, consideradas como brânquias. Cerdas notopodiais de tipo peculiar, capilares fortemente serrilhadas; cerdas neuropodiais aciculares, robustas e com a extremidade provida de espinhos. Dois uritos longos, semelhantes aos cirros dorsais.

**DISCUSSÃO** – O gênero *Chaetacanthus* assemelha-se, quanto à forma do corpo e às características das escamas pesadamente ornamentadas, a *Euphionella* Monro, que possui também brânquias nos elitróforos. Porém este último gênero é dotado de expansões laminares dorsais (“pseudo-élitros”); caráter que o distingue claramente do primeiro.

### *Chaetacanthus magnificus* (Grube, 1875) (Fig. 24-31).

*Iphione magnifica* Grube, 1875; 51.

*Chaetacanthus magnificus*: Seidler, 1923: 97-98, fig. 14

*Lepidonotus pillosus* Treadwell, 1937: 141; est. 1; fig. 1-7.

**MATERIAL EXAMINADO** – dois exemplares, coletados sob pedras na zona das marés em Ubatuba, SP; sendo um completo e perfeito.

Corpo robusto, de secção elíptica, inteiramente coberto pelas escamas; com 25 setíferos relativamente longos e bem destacados e cerca de 35 mm de comprimento. Prostômio trilobado, com um par de olhos na parte posterior. Antenas cilindro-subuladas, inseridas sobre ceratóforos conspicuos; a mediana pouco mais longa que as laterais. Palpos robustos, subulados, com a superfície estriada por fileiras de papilas granuladas minúsculas. Antenas, cirros tentaculares e cirros dorsais de forma semelhante, com uma dilatação subterminal e extremidade filiforme; com a parte basal e a extremidade intensamente pigmentadas. Faringe musculosa, armada de dois pares de dentes com base alongada e lisa; boca orlada por cerca de 25 papilas distalmente bilobadas (Fig. 24). Escamas largas, coriáceas, em número de 12 pares; todas com a margem guarnecida por uma densa franja de papilas e a superfície pesadamente ornamentada. A presença, em cada escama, de uma área central ocupada por estruturas poligonais refringentes, além de um tufo circular de longas papilas filiformes, na margem interna, é extremamente característica (Fig. 25). Parapódios birremes, altos e fortemente comprimidos; com notopódio provido de um grande feixe de cerdas capilares farpadas. Neuropódios dos primeiros setíferos dotados de cerdas aciculares longas e relativamente delgadas, com a

extremidade em espiga e algumas do tipo intermediário, mais robustas e farpadas (Fig. 26 e 27). Neuropódios da região mediana e posterior dotados unicamente de cerdas aciculares longas, com uma dilatação subdistal provida de fileiras transversais de dentes robustos e com ápice inteiro (Fig. 28); as da parte superior do feixe, mais delgadas. Base do cirróforo do cirro dorsal com duas massas globulosas laterais, simétricas. Brânquias saculares digitadas, emergindo lateralmente tanto dos elitróforos, quanto da base dos cirróforos (Fig. 29). Papilas nefridiais na face ventral, junto à base dos parapódios (Fig. 30), conspícuas a partir do 6º setígero. Pigídio com dois uritos longos, de forma e pigmentação semelhantes às dos cirros dorsais.

**DISCUSSÃO** — O exemplar de Ubatuba, em perfeito estado de conservação, tem brânquias também nos segmentos cirríferos, emergindo das faces laterais dos parapódios; as escamas são solidamente fixadas sobre elitróforos curtos e muito largos. A ornamentação da superfície das escamas é muito peculiar, constituída principalmente por macro e microtubérculos piriformes, alongados e erigidos de espinhos (Fig. 31). A ornamentação das cerdas capilares é, igualmente, característica, coincidindo perfeitamente com a descrita e figurada por Seidler (1923; fig. 14).

Justificando plenamente o qualitativo “magnificus” a espécie é, entretanto e pelo que pudemos saber, extremamente pouco conhecida; as descrições, excetuando a de Seidler, são por demais sucintas e as ilustrações pouco expressivas.

**DISTRIBUIÇÃO** — Brasil e Antilhas (Trinidad; tipo). A distribuição da espécie, mesmo admitindo a sua identidade com *Lepidonotus pillosus* Treadwell, 1901, não nos parece tão ampla quanto a referida por Hartman (1939; 29). A ocorrência no Atlântico sul é referida pela primeira vez.

**HABITAT:** Fundos de areia e sob pedras na plataforma.

## Gênero *Eunoë* Malmgren, 1865

Corpo curto e comprido, com cerca de 40 setígeros. Prostômio dividido em dois lobos, com picos frontais conspícuos; antenas laterais com inserção ventral; quatro olhos. 15 pares de escamas cobrindo todo o dorso ou deixando descobertos poucos segmentos terminais. Cerdas notopodiais unidentadas, nitidamente mais robustas que as neuropodiais; cerdas neuropodiais unidentadas com extremidade aguda e recurvada.

### CHAVE PARA ESPÉCIES

1. Escamas translúcidas, com o

bordo externo franjado  
Escamas fortemente pigmentadas, desprovidas de franja

*Eunoë papillosa*

*Eunoë serrata*

***Eunoë papillosa* sp. nov.**  
(Fig. 32-37).

**MATERIAL EXAMINADO** — 25 exemplares, coletados em fundo arenoso, em Ubatuba, SP.

Forma pequena e delicada, alcançando cerca de 7 mm de comprimento, com 32 setígeros. Prostômio com picos frontais pouco evidentes. Dois pares de olhos, sendo os anteriores maiores. Antena mediana longa, com inserção terminal (Fig. 32).

Escamas circulares e reniformes, translúcidas, com o bordo externo franjado e numerosos microtubérculos na sua superfície (Fig. 33). Parapódios birremes, com o neuropódio mais desenvolvido que o notopódio (Fig. 34). Cirro dorsal longo; cirro ventral pouco desenvolvido. Notopódio com um feixe de cerdas delgadas e numerosas, ligeiramente curvas e fracamente serrilhadas na margem convexa, com extremidade única (Fig. 35). Neuropódio bem desenvolvido, cônico, com cerdas em forma falcada ligeiramente curva (Fig. 36-37).

**OCORRÊNCIA** — São Paulo (Enseada do Flamengo).

***Eunoë serrata* sp. nov.**  
(Fig. 38-44).

**MATERIAL EXAMINADO** — 9 exemplares, coletados em fundo arenoso em Ubatuba, SP.

Forma pequena e delicada, alcançando cerca de 6 mm de comprimento, com 30 setígeros. Prostômio trapezoidal, com picos frontais pouco evidentes; dois pares de olhos em sua metade posterior. Antena longa, com inserção terminal; antenas laterais curtas, subuladas, com inserção ventral. Um par de grossos palpos, maiores que as antenas laterais. Parapódios tentaculares voltados para a frente; com o cirro dorsal tão longo quanto os palpos e o cirro ventral curto, ambos com um pequeno número de papilas em sua superfície (Fig. 38). Escamas circulares lisas sem franja de papilas, com acentuada pigmentação escura (Fig. 39). Parapódios birremes, com o neuropódio mais desenvolvido que o notopódio (Fig. 40); cirro dorsal longo, de comprimento igual ou maior que o das cerdas neuropodiais; cirro ventral subulado, alcançando o maior desenvolvimento no 20º setígero e diminuindo nos posteriores. Notopódio arredondado, com feixe de cerdas robustas e numerosas. Cerdas notopodiais superiores simples, de lâmina achatada, ligeiramente curvas e fracamente serrilhadas na mar-

gem convexa e extremidade acuminada (Fig. 41). Cerdas inferiores maiores e mais robustas, semelhantes às superiores (Fig. 42). Neuropódio bem desenvolvido, oblongo, de extremidade afilada, com cerdas em forma de lança ligeiramente curvas, com um pequeno número de espinhos (Fig. 43), ou com espinhos nos dois bordos (Fig. 44) e extremidade acuminada.

**DISCUSSÃO** — *Eunoë papillosa* assemelha-se, quanto a organização geral do corpo, a *E. serrata*, diferindo dessa espécie pela estrutura das escamas e tipos de cerdas. Em *E. serrata* as escamas são lisas e escuras e as cerdas dorsais em forma de lâmina achatada; enquanto as escamas de *E. papillosa* são translúcidas e cobertas por microtubérculos e com uma franja de papilas no bordo externo. *E. nodosa* de acordo com Day (1967), na costa da África, apresenta cerdas dorsais semelhantes as de *E. papillosa*, porém a estrutura da escama é visivelmente diferente.

**OCORRÊNCIA** — São Paulo (Enseada do Flamengo).

## Gênero *Euphionella* Monro, 1936

Corpo elíptico, alongado, pouco achatado e muito robusto; com cerca de 25 setígeros. Prostômio bilobado; antenas longas, as laterais com inserção terminal; um ou dois pares de olhos. Escamas de consistência coriácea e fortemente imbricadas, em número de 12 pares, recobrendo totalmente o corpo; todas pesadamente ornamentadas com macro e microtubérculos, além de uma franja de papilas. Os segmentos cirríferos são providos de expansões laminares rebatidas sobre o dorso e dirigidas para a linha mediana; extremamente peculiares ("pseudo-élitros", de Seidler). Brânquias saculares, simples ou ramificadas, emergindo dos elitróforos e da face posterior dos parapódios. Cerdas notopodiais capilares serrilhadas, muito finas; cerdas neuropodiais aciculares, lisas e aguçadas. Escamas e superfície do corpo, geralmente com incrustações calcárias discoidais ou esferulares.

*Euphionella besnardi* sp. nov.  
(Fig. 45-50).

**MATERIAL EXAMINADO** — 3 exemplares; o tipo e o parátipo, completos e perfeitos e um fragmento anterior, com 8 setígeros.

Corpo robusto, de seção elíptica e inteiramente coberto pelas escamas, com segmento relativamente longos e bem destacados (Fig. 45); o tipo, com 25 setígeros, mede 62 mm de comprimento, com uma largura na região mediana de 14 mm.

Prostômio alongado, sem lóbulo occipital aparente; antenas glabras, cilíndrico-subuladas, com uma dilatação distal e extremidade filiforme; um par de olhos grandes e salientes, em posição látero-ventral. Palpos robustos, pouco mais longos que as antenas laterais, com a superfície recoberta por papilas curtas. Faringe musculosa, armada de dois pares de dentes semelhantes aos dos Polyodontidae. Escamas largas e coriáceas, em número de 12 pares; fortemente imbricadas, com as áreas expostas cobertas por macrotubérculos globulosos ou achatados, erizados de pontas e a margem dotada de espessa franja de papilas filiformes. Nas áreas cobertas pela escama precedente, os tubérculos são raros, ocorrendo entretanto incrustações calcárias em forma de disco radiado ou roseta, além de esferulas minúsculas (Fig. 46, 47). Elitróforos com secção elíptica, muito largos. Expansões dorsais foliáceas ("pseudo-élitros") ocorrem em cada um dos segmentos dotados de cirro dorsal, a partir do 3º; precedidas, nos segmentos anteriores, por pequenos lóbulos dorsais medianos (Fig. 48). Parapódios birremes, com notopódio conspícuo e provido de abundantes cerdas capilares serrilhadas, dispostas em leque (Fig. 49). Cerdas neuropodiais aciculares, robustas, lisas e aguçadas. Cirro dorsal longo, semelhante às antenas laterais. Brânquias saculares dispostas sobre as faces ântero-laterais e dorsal de cada parapódio. Papilas nefridiais volumosas e conspícuas, na face ventral de cada segmento (Fig. 50).

O nome específico é dado em memória do Professor W. Besnard, primeiro diretor do Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo.

**DISCUSSÃO** — A presença de expansões dorsais laminares ou membranosas e mais ou menos ornamentadas, nos setígeros desprovidos de escama, caracteriza o gênero *Euphionella* McIntosh permitindo distingui-lo facilmente de *Chaetacanthus* Grube. Eram atualmente conhecidas três espécies: *E. lobulata* (Seidler), *E. patagonica* Monro e *E. robusta* Wesenberg-Lund; a primeira e a última respectivamente do Peru e do Chile e a segunda, do Antártico.

*Euphionella patagonica* Monro é a espécie que mais se aproxima de *E. besnardi* sp. nov.; distinguindo-se desta principalmente pelos palpos densamente cobertos por papilas e muito mais curtos que a antena mediana.

**OCORRÊNCIA** — Rio Grande do Sul (Estação 1890 GEDIP), em fundo de areia lodosa com cascalho de conchas; profundidade 200 m.

## Gênero *Halosydna* Kinberg, 1855

Corpo curto, com cerca de 36 setígeros. Pros-

tômio globuloso, sem picos frontais; com uma prega nucal semilunar; antenas laterais com inserção subterminal. Antenas e palpos glabros; quatro olhos. Dezoito pares de escamas pouco ornamentadas e com bordo liso.

Notopódio pouco desenvolvido; com cerdas, capilares curtas e serrilhadas. Cerdas neuropodiais moderadamente robustas com a parte distal expandida e extremidade geralmente bidentada.

#### **Halosydna glabra Hartman, 1939** (Fig. 51-52).

*Halosydna glabra* Hartman, 1939: 35, est. 4; fig. 43-50; Amaral & Nonato, 1975: 234-235; fig. 1-7; Morgado, 1980.

Corpo longo, achatado dorso-ventralmente. Prostômio tão largo quanto longo, com um sulco longitudinal que o divide em dois lóbulos; com olhos dispostos em trapézio em sua parte posterior. Antenas acuminadas, inseridas sobre ceratóforos aparentes, com duas faixas anelares pigmentadas; antena mediana mais longa que as laterais (Fig. 51). Escamas em segmentos alternados, em número de 18 pares; com margens desprovidas de filamentos ou papilas e a superfície recoberta por macro e microtubérculos (Fig. 52). Parapódios robustos, com o lóbulo dorsal reduzido; cirro dorsal longo e afilado com duas faixas pigmentadas semelhante a das antenas; cirro ventral curto. Cerdas notopodiais dentadas no bordo convexo e mais numerosas nos parapódios anteriores. Cerdas neuropodiais de um só tipo, com a parte distal ligeiramente curva e bidentada.

**DISTRIBUIÇÃO** — Brasil (Ubatuba e São Sebastião, em colônias de *Schizoporella*); Pacífico, Califórnia e México, em fundos de corais segundo Hartman (1939); Caribe, Venezuela em painéis testes.

#### **Gênero *Halosydnella* Hartman, 1938**

Corpo fortemente comprimido, medianamente longo e de largura uniforme; com cerca de 45 setígeros. Prostômio globuloso, sem picos frontais; antenas laterais com inserção terminal. Dois pares de olhos geralmente conspícuos. Escamas em número de 21 a 24 pares, com pigmentação característica e irregularmente cobertas por tubérculos diminutos. Parapódios com o ramo dorsal pouco desenvolvido; cerdas notopodiais espinhosas, curtas e ligeiramente curvas, podendo faltar nos últimos setígeros. Cerdas neuropodiais moderadamente robustas, com extremidade inteira e um dente subapical.

#### ***Halosydnella australis* (Kinberg, 1855).**

*Halosydna australis* Kinberg, 1910: 16, est. 5, fig. 21.

*Halosydnella australis* Hartman, 1948: 21-22, est. 2, fig. 6-9; Orensanz & Gianuca, 1974, 3-4.

Corpo alongado, com cerca de 45 setígeros. Escamas em número de 21 pares, com borda lisa ou irregularmente franjada e superfície coberta por microtubérculos uncinados, esparsos. Cerdas neuropodiais bidentadas. Papilas nefridiais curtas, clavadas. Segundo Hartman (1948) *Halosydnella australis* difere de *H. brasiliensis* pela posição diferente do par de olhos anteriores, mais próxima da linha mediana e pela forma das papilas nefridiais que são cilíndricas na última espécie.

**DISTRIBUIÇÃO** — Brasil, costa sul (Rio Grande do Sul), até a Argentina, Golfo de San Matias.

#### ***Halosydnella brasiliensis* (Kinberg, 1858)** (Fig. 53-58).

*Halosydna brasiliensis* Kinberg, 1910: 16-17; est. 5, fig. 22.

*Halosydnella brasiliensis* Hartman, 1948: 20-21; est. 1, fig. 10-11.

Corpo longo, com 45 setígeros, alcançando cerca de 50 mm de comprimento e 8 mm de largura. Antenas, palpos e cirros tentaculares glabros, longos, com uma dilatação subdistal e extremidade afilada. Dois pares de olhos, na metade basal do prostômio; o par anterior maior e reniforme; o segundo, circular, parcialmente oculto por uma prega do 1º segmento (Fig. 59). Escamas não franjadas, (Fig. 58) em número de 21 pares; os 3-4 primeiros e os últimos, elípticos, grandes e imbricados também sobre o dorso; os da região mediana, arredondados e geralmente não alcançando a linha mediana, deixando o dorso aparente ao longo de uma estreita faixa longitudinal (Fig. 53). Superfície das escamas com pequenos tubérculos, mas freqüente junto à margem interna; com pigmentação preta, difusa; margem desprovida de papilas (Fig. 58). Cerdas dorsais pouco numerosas, recurvadas e com o bordo fortemente serrilhado (Fig. 54-55); cerdas neuropodiais mais grossas que as notopodiais, a parte distal com margem dentada e extremidade com um grande dente subterminal (Fig. 56-57). Papilas nefridiais cilíndricas, conspícuas na face ventral dos parapódios medianos e posteriores. Pigídio com dois uritos subulados (Fig. 60).

**DISTRIBUIÇÃO** — Brasil, costa sul (Rio de Janeiro, tipo; Ubatuba; Santos; Santa Catarina).

## Gênero *Harmothoë* Kinberg, 1855

Corpo curto e achatado, com cerca de 40 setígeros. Prostômio dividido em dois lobos, com pequenos picos frontais; antenas laterais com inserção ventral; quatro olhos grandes; 15 pares de escamas cobrindo todo o dorso; cirro ventral do primeiro parapódio mais longo e dirigido para frente. Cerdas notopodiais muito robustas e mais curtas que as neuropodiais; cerdas neuropodiais aciculares bidentadas, acompanhadas às vezes por algumas cerdas unidentadas.

### *Harmothoë aculeata* Andrews, 1891 (Fig. 61-68).

*Harmothoë aculeata* Andrews, 1891: 278-279; est. 22, fig. 1-5. Nonato & Luna, 1970: 67; est. 3, fig. 26; Rullier & Amoureux, 1979: 149.

Forma pequena e robusta; corpo fortemente achatado, com cerca de 35 setígeros (Fig. 63). Prostômio com picos frontais acuminados, conspícuos; dois pares de olhos grandes. Antenas e cirros tentaculares longos e subulados, densamente cobertos por papilas filiformes (Fig. 64). Escamas com franja de papilas capilares, na margem externa e a superfície dividida em áreas poligonais, com tubérculos espinhosos, de tamanhos variados; nas escamas dos segmentos medianos e posteriores, os tubérculos da margem inferior são enormes, uncinados (Fig. 61-62). Parapódios birremes, com cirros dorsais muito longos, cobertos por papilas semelhantes às das antenas; cirros ventrais curtos, também papilosos (Fig. 65). Cerdas notopodiais tão robustas quanto as neuropodiais; serrilhadas em larga extensão e com a extremidade lisa e acuminada (Fig. 66-67); bidentadas, com longo dente terminal e dente acessório bem distinto (Fig. 68).

**DISTRIBUIÇÃO** — Brasil (Paraná, Rio Grande do Norte e costa sul). Carolina do Norte (tipo), Golfo do México.

### *Harmothoë ernesti* Augener, 1931.

*Harmothoë ernesti* Augener 1931: 281-283, fig. 2.

Corpo medianamente longo, com cerca de 37 setígeros e 16 mm de comprimento, inteiramente coberto pelas escamas. Antenas, cirros tentaculares e cirros dorsais com a superfície densamente coberta por papilas longas. Prostômio com picos frontais conspícuos, dois pares de olhos, dos quais o anterior é o maior e colocado em posição látero-ventral. Escamas largas e fortemente franjadas no bordo externo; com a superfície pigmentada e ornamentada por macro e microtubérculos.

As escamas dos segmentos medianos têm, em sua metade posterior, 7 grandes tubérculos ovóides, com a superfície reticulada e espinhosa, dispostos em duas fileiras paralelas e acompanhados por alguns tubérculos menores, com extremidade acuminada. Cerdas dorsais curtas e robustas, com extremidade inteira e serrilhadas em sua parte convexa; ventrais muito numerosas, relativamente longas, com um dente apical e a parte distal provida de cerca de 12 dentes laminares.

**DISCUSSÃO** — Augener considerou que *Harmothoë ernesti* se assemelha, quanto à ornamentação das escamas, a *H. areolata* Grube; da qual se distinguiria pela posição do primeiro par de olhos. Não tendo acesso ao exemplar único do qual o autor baseou sua descrição, decidimos manter a espécie como válida, admitindo porém que, muito provavelmente, seja sinônimo de *Harmothoë aculeata* Andrews, cuja presença na área foi referida por um de nós (Nonato & Luna, 1970).

**DISTRIBUIÇÃO** — Brasil, costa nordeste (Abrolhos).

### *Harmothoë lunulata* (delle Chiaje, 1841).

*Polynoë lunulata* delle Chiaje, 1841.

*Harmothoë lunulata* Fauvel, 1923: 70, fig. 26 a-h; Day, 1967: 71, fig. 1-10 p-t; Rullier & Amoureux, 1979: 149.

Corpo achatado, com cerca de 45 setígeros. Prostômio trapezoidal, bilobado, com picos frontais; dois pares de olhos, o par anterior maior, reniforme, em posição látero-dorsal; o posterior é menor, circular, em posição póstero-dorsal. Antena mediana inserida terminalmente sobre ceratóforos; antenas laterais menores, com a base dos ceratóforos pigmentada. Um par de palpos ligeiramente mais longo que a antena mediana. Escamas lisas transparentes, sem franjas, arredondadas ou reniformes, com uma mancha semicircular do pigmento nas regiões externas e posterior da escama. Parapódios birremes. Cerdas notopodiais poucas, mais curtas que as neuropodiais, ligeiramente arqueadas e com fraco serrilhado no bordo convexo; extremidade afilada, unidentada. Cerdas neuropodiais longas, com fileiras de espinhos e extremidade bidentada.

**DISTRIBUIÇÃO** — Brasil, costa sul. Atlântico, Mediterrâneo, Carolina do Norte, Golfo do México.

### *Harmothoë macginitiei* Pettibone, 1955 (Fig. 69-71).

# Bibliografia

1. AMARAL, A. C. Z. & NONATO, E. F. 1975 – Alguns anelídeos poliuetos encontrados em painéis de substrato artificial en el Golfo de Cariaco, Cumana, Venezuela. *Bolm Inst. oceanogr. Univ. Oriente*, 14(2):233-242.
2. ANDREWS, E. A. 1981 – Report upon the Annelida Polychaeta of Beaufort, North Carol. *Proc. U. S. Nat. Mus.*, 14: 277-302.
3. AUGENER, H. 1906 – Westindische Polychaeten, Reports on the results of dredging, by the U. S. Coast Survey Steamer BLAKE. *Bull. Mus. comp. Zool. Harv.*, 43(4): 91-196.
4. ——— 1931 – Die bodensässigen Polychaeten nebst einer Hirudinee der Meteor-Fahrt. *Zool. Staatsinst. Mus. Hamburg, Mitt.*, 44: 279-313.
5. BAIRD, W. 1865 – Contributions towards a Monograph of the species of Annelids belonging to the Aphroditacea. *J. Proc. Linn. Soc. London*, VIII: 172-202.
6. BLANCHARD, E. 1849 – Annélides du Chile in Gay's *Historia física y política de Chile*. *Zoologia*, 3: 9-25. Paris.
7. DAY, J. H. 1967 – A monograph on the Polychaeta of Southern Africa. Part 1 Errantia. London, British Museum (Nat. Hist.), Publ. 656 p.
8. DELLE CHIAJE, S. 1841 – Descrizione e notomia degli animali invertebrati della Sicilia citeriore osservati vivi negli anni 1822-1830, 3: 142 p.
9. FAUCHALD, K. 1977 – The polychaete worms. Definitions and keys to the Orders, Families and Genera. *Hat. Hist. Mus. Los Angeles County-Science Serie* 28:188 p.
10. FAUVEL, P. 1923 – Polychètes errantes. *Faune Fr.*, 5: 488 p.
11. ——— 1953 – Annelida Polychaeta. *The Fauna of India including Pakistan, Ceylon, Burma and Malaya*. 507 p. Allahabad.
12. GRAVIER, C. 1901 – Contribution à l'étude des annélides polychètes de la Mer Rouge. *Nouv. Arch. Mus. Hist. nat., Paris (ser. 4)* 3: 147-268.
13. GRUBE, A. 1875 – Bemerkungen über die Familie der Aphroditen (Gruppe Hermionea und Sigalionina). *Jahresber. Schles. Gesells., Breslau*, 52: 57-59.
14. HARTMAN, O. 1939 – Polychaetous Annelids. Part 1. Aphroditidae to Pisionidae. *Allan Hancock Pac. Exped.* 7(1): 156 p.
15. ——— 1948 – The marine annelids erected by Kinberg with notes on some other types in the Swedish State Museum. *Ark. Zool. Stockholm*, 42A (1): 137 p.
16. ——— 1959 – Catalogue of the polychaetous annelids on the World. Parts 1 and 2. *Allan Hancock Fdn Occ. Pap.* (23): 628 p.

*Harmothoë macginitiei* Pettibone, 1955: 122-124, fig. 4 a-h; 1963; 39, fig. 8 d-f; Morgado, 1980.

Corpo robusto e fortemente achatado, com 36 setígeros. Prostômio com picos frontais curtos, acuminados; 2 pares de olhos grandes; antena mediana cerca de duas vezes o comprimento das antenas laterais. Antenas, cirros tentaculares, cirros dorsais e cirros ventrais com a superfície recoberta por papilas longas e filiformes (Fig. 69). Escamas com espessa franja marginal e superfície coberta por numerosos macro e microtubérculos cônicos às vezes bífidos (Fig. 70). Parapódios, com dois ramos bem desenvolvidos, com cirros dorsais mais longos que os lóbulos parapodiais; cirros ventrais delgados e curtos (Fig. 71). Cerdas notopodiais formando um grande tufo, quase tão longas quanto as neuropodiais; ponta lisa, acuminada e com fileiras de espinhos em longa extensão. Cerdas neuropodiais com a extremidade ligeiramente recurvada e com dentes secundários.

**DISTRIBUIÇÃO** — Brasil, costa sul (Ubatuba e São Sebastião, em colônias de *Schizoporella*). Atlântico Norte, Massachussetts.

## Gênero *Lagisca* Malmgren, 1865

Corpo alongado e comprimido, estreitando-se gradualmente na região mediana e posterior; com cerca de 50 setígeros. Prostômio fendido dorsalmente, com picos frontais conspícuos; antenas laterais de inserção ventral; dois pares de olhos. 15 pares de escamas, inseridas sobre os segmentos anteriores e medianos, deixando a região posterior descoberta. Cerdas notopodiais aciculares, relativamente curtas e muito robustas; cerdas neuropodiais aciculares, longas e uni ou bidentadas, com a parte distal espinhosa.

**DISCUSSÃO** — Alguns autores, como Day (1967) consideram *Lagisca* como um subgênero de *Harmothoë*. Entretanto, preferimos adotar o critério de Hartman-Schroeder (1971) e Fauchald (1977), que o consideram como gênero válido. Ainda que as características do prostômio e dos parapódios sejam semelhantes às de *Harmothoë*, as espécies incluídas no gênero *Lagisca* se distinguem claramente pela presença de um número considerável de segmentos posteriores desnudos; isto é, não cobertos por escamas. A forma do corpo, gradualmente estreitado na região mediana e posterior pode, igualmente, ser considerada como caráter distintivo.

*Lagisca lepida* sp. nov.  
(Fig. 72-76).

**MATERIAL EXAMINADO** — seis exemplares completos medindo de 20 a 28 mm de comprimento; o tipo é o exemplar maior, com escamas e cirros intatos.

Corpo longo e achatado, afilado na região posterior. O tipo, com 46 setígeros, mede 28 mm de comprimento e tem uma largura de 5 mm na região anterior (Fig. 72). Prostômio bilobado, com picos frontais acuminados; dois pares de olhos grandes, aproximadamente iguais. Antena mediana tão longa quanto os palpos, inserida sobre ceratóforo cilíndrico-cônico; antenas laterais com cerca de um terço do comprimento da mediana. Palpos longos, subulados, com um diâmetro na base semelhante ao do ceratóforo da antena mediana. Antenas, palpos, cirros tentaculares e cirros parapodiais glabros (Fig. 73).

Escamas largas e imbricadas, com a superfície densamente coberta por pequenos tubérculos cônicos e a borda desprovida de franjas ou papilas (Fig. 74). Parapódios com dois ramos bem desenvolvidos, com acículos proeminentes e cirros dorsal e ventral longos, subulados (Fig. 75). Notopódios providos de cerdas aciculares em pequeno número, vítreas, com fileiras transversais de espinhos delgados e extremidade inteira (Fig. 76); as superiores mais curtas e delgadas, ligeiramente curvas; as inferiores muito robustas, aproximadamente retas. Neuropódios com um lóbulo envolvendo a extremidade do acículo e prolongado por um apêndice digitado (Fig. 75). Cerdas neuropodiais numerosas, longas e subiguais, com a parte distal espinhosa, terminando em ponta fina e inteira.

Papilas nefridiais inconspícuas. Últimos 10-12 segmentos desprovidos de escamas, porém com cirros dorsais bem desenvolvidos.

**DISCUSSÃO** — *Lagisca lepida* sp. nov. assemelha-se a *L. hubrechtii* (McIntosh) e a *L. antillicola* (Augener); distinguindo-se da primeira pelos palpos muito mais delgados, escamas com borda desprovida de tubérculos ou papilas e pela ausência de apêndices caudais volumosos. Quanto a *L. antillicola*, conhecida apenas pela descrição original de Augener (como *Nemidia antillicola*), excetuado o menor número de segmentos (*antillicola* tem 57), a semelhança é muito maior; especialmente quando se considera os detalhes do lóbulo neuropodial, com um apêndice digitado (Fig. 54) de forma praticamente idêntica à do lóbulo correspondente de *L. lepida* sp. nov.

Augener (1906: 126-128) considerou sua espécie como pertencendo ao gênero *Nemidia* Malmgren; o que é incorreto, pois esse gênero é caracterizado pela ausência de olhos, possuindo ainda cerdas notopodiais capilares junto às aciculares. O autor descreve e figura quatro olhos grandes e bem pigmentados (Fig. 53) e não menciona cerdas capilares; o que, a nosso ver, exclui o gênero *Nemidia*.

*Lagisca lepida* sp. nov. se distingue de *L. exte-*

*nuata* (Grube) pelos apêndices prostomiais glabros e pelas escamas sem franja marginal, com superfície provida unicamente de microtubérculos quitinosos. Consideramos *L. extenuata* como espécie exclusivamente boreal e preponderantemente ártica. A ocorrência referida por Rullier & Amoureux (1979: 150) ao largo do Cabo Polonio (Uruguay) e da Argentina, é encarada com reserva.

**OCORRÊNCIA** — Estações GEDIP 1871 e 1891, respectivamente ao largo de Maldonado (Uruguay) e Rio Grande do Sul, em fundos de areia lodosa e profundidade de 200 m.

## Gênero *Lepidasthenia* Malmgren, 1867

Corpo longo e vermiforme, pouco comprimido e de largura uniforme; com até 200 setígeros. Prostômio sem picos frontais; antenas laterais com inserção terminal; quatro olhos. Escamas em número variável, superior a 24 pares; as dos primeiros pares, grandes e largas; as dos demais gradualmente menores, ou vestigiais, deixando o dorso amplamente descoberto. Nos segmentos anteriores há uma alternância mais ou menos regular entre escamas e cirros dorsais; nos posteriores as escamas aparecem esporadicamente. Notopódios geralmente representados apenas pelo acículo; raramente com algumas cerdas. Neuropódios com um feixe de cerdas aciculares, longas e robustas, uni ou bidentadas; muitas vezes acompanhadas de algumas cerdas mais delgadas nos setígeros anteriores ou de uma única cerda gigante, nos segmentos posteriores.

*Lepidasthenia esbelta* sp. nov.  
(Fig. 77-81).

**MATERIAL EXAMINADO** — três exemplares completos e um fragmento anterior, todos provenientes da mesma estação. O tipo, com 116 setígeros, mede 62 mm de comprimento.

Corpo longo e delgado, pouco comprimido, com cerca de 120 setígeros. Prostômio ovalado, com dois pares de olhos grandes. Antenas cilíndrico-subuladas, com uma dilatação subterminal e extremidade filiforme; as laterais mais longas que a mediana e com inserção terminal. Cirros tentaculares de forma e comprimento semelhantes aos da antena mediana (Fig. 77). Escamas bem desenvolvidas apenas nos segmentos anteriores; unicamente as do primeiro par com tamanho suficiente para alcançar a linha mediana; as demais gradualmente menores, tornando-se vestigiais após o 25º setígero e se reduzindo nos segmentos medianos e posteriores a elitróforos mamilares. Parapódios providos

de poucas cerdas (Fig. 78 e 79), aciculares bidentadas, com haste longa e extremidade espinhosa (Fig. 80). Após o 22º setígero aparece, em posição superior, uma cerda gigante, unidentada e praticamente lisa (Fig. 79 e 81), acompanhada por 5 a 8 cerdas bidentadas, semelhantes às dos setígeros anteriores. Cirros dorsais longos, semelhantes às antenas.

**OCORRÊNCIA** — Rio Grande do Sul (Estação GEDIP 574).

## *Lepidasthenia virens* (Blanchard, 1849).

*Polynoë virens* Blanchard, 1849: 16.

*Lepidasthenia virens* Nonato & Luna, 1970: 68, est. 3, fig. 27-28; Rullier & Amoureux, 1979: 50.

*Lepidametria virens* Hartman, 1939: 46-47; est. 8, fig. 105-110.

Corpo muito longo e fortemente achatado, com cerca de 80 setígeros. Prostômio largo, piriforme, com dois pares de olhos pequenos; antenas e palpos glabros, com a superfície finamente reticulada. Antenas laterais com inserção terminal, sobre ceratóforos conspícuos: aproximadamente tão longas quanto a antena mediana; as 3, assim como os cirros tentaculares, com uma dilatação subterminal e extremidade afilada. Cerca de 30 pares de escamas, deixando descoberta larga faixa do dorso; após o 23º setígero, cada segmento com escama alterna com dois segmentos com cirro dorsal. Parapódios sem papilas, com o notopódio desprovido de cerdas, reduzido ao cirro dorsal e a uma pequena expansão que envolve a extremidade do acículo. Neuropódios largos, truncados verticalmente e com lóbulos pré e pós-setal desenvolvidos; cirro ventral curto, subulado. Cerdas robustas, bidentadas, em número de 10-20. Papilas nefridiais conspícuas. Pigídio com dois uritos subulados.

**DISTRIBUIÇÃO** — Brasil (Alagoas e Sergipe); República Argentina, Chile, Equador, México e Ilhas Galápagos.

## Gênero *Lepidonotus* Leach, 1816

Corpo curto, comprimido e de largura uniforme; com cerca de 25 setígeros. Prostômio sem picos frontais; antenas laterais com inserção terminal; dois pares de olhos. 12 pares de escamas grandes, ligeiramente imbricadas lateralmente, deixando o dorso mais ou menos descoberto ao longo da linha mediana. Cerdas notopodiais finas e serrilhadas; cerdas neuropodiais robustas, uni ou bidentadas e providas distalmente de fileiras de espinhos ou dentículos.

**Lepidonotus brasiliensis (Quatrefages, 1865)**

*Polynoë brasiliensis* Quatrefages, 1865: 245-247.

Corpo robusto. Escamas com papilas pequenas claras, em forma de cratera, distribuídas por grande parte da escama; grandes, e escuras em forma de cogumelo, com o teto coberto por espinhos; papilas formando fina franja muito numerosa, sobre o bordo externo. Parapódios birremes. Ramo dorsal muito pequeno, com um feixe de cerdas claras, finamente ciliadas. Cerdas neuropodiais pouco numerosas, grossas e lisas (adaptada de Quatrefages).

**DISTRIBUIÇÃO** – Brasil, Bahia (tipo).

**Lepidonotus caeruleus Kinberg, 1855.**

*Lepidonotus caeruleus* Kinberg, 1910: 13-14; est. 4, fig. 16; est. 10, fig. 51. Nonato & Luna, 1970: 66-67; est. 1, fig. 8-14; Rullier & Amoureux, 1979: 152; Morgado, 1980.

Forma pequena, com cerca de 27 setígeros. Prostômio oblongo, com quatro olhos dispostos em trapézio. Antenas inseridas sobre ceratóforos conspícuos; antena mediana duas vezes mais longa que as laterais, alcançando a extremidade dos palpos. Escamas franjadas no bordo externo e com a superfície uniformemente recoberta por pequenos tubérculos poligonais. Parapódios com o lóbulo dorsal reduzido ao acículo e um feixe de cerdas pequenas; cirro dorsal longo e flageliforme, com base alargada; cirro ventral curto, subulado. Cerdas notopodiais agrupadas em pequeno feixe compacto; as superiores mais curtas, recurvadas e denteadas; as inferiores longas e farpadas. Cerdas neuropodiais de um único tipo, longas e robustas, farpadas, com a parte apical ligeiramente curva e bífida.

**DISTRIBUIÇÃO** – Brasil (Alagoas, Rio de Janeiro, (tipo)); Ubatuba (em colônias de *Schizoporella*).

**Lepidonotus panamensis (Hartman, 1939)**

*Lepidonotus pomareae panamensis* Hartman, 1939: 44-45, est. 6, fig. 70-77.

*Lepidonotus panamensis* Hartman, 1959: 90; Rullier & Amoureux, 1979: 152.

Corpo oblongo, fortemente arqueado na região dorsal, com cerca de 27 setígeros e alcançando cerca de 40 mm de comprimento. Prostômio mais longo que largo, com quatro olhos dispostos

na metade posterior do prostômio. Antenas inseridas sobre longos ceratóforos; antenas laterais pouco mais curtas que a mediana; palpos mais longos que as antenas e cirros. Escamas franjadas no bordo externo, apresentando tufos de papilas mais longas e com a superfície ricamente recoberta por tubérculos cônicos com um disco na porção terminal, em forma de disco escavado no meio e a camada interior é coberta com numerosos espinhos pequenos. Parapódios sub-ramosos com o lóbulo notopodial papilar. Cerdas notopodiais agrupadas em pequeno feixe, as superiores mais curtas, falcadas. Cerdas neuropodiais de um único tipo, longas e robustas, farpadas, com a parte apical ligeiramente curva.

**DISTRIBUIÇÃO** – Brasil (Bahia e Espírito Santo), Panamá.

**Lepidonotus tenuisetosus (Gravier, 1901)**

*Euphione tenuisetosa* Gravier, 1901: 122, est. 8, fig. 123-125.

*Lepidonotus tenuisetosus* Fauvel, 1953: 36, fig. 14 c-f; Day, 1967: 82, fig. 1-14 a-e; Rullier & Amoureux, 1979: 152.

Corpo curto, oblongo, com cerca de 15 mm de comprimento. Prostômio mais longo que largo; dois pares de olhos, primeiro par em posição lateral. Antenas e cirro dorsal lisos com uma faixa escura em sua dilatação subterminal. Antena mediana duas vezes o comprimento do prostômio; laterais curtas. Escama franjada com a superfície coberta de inúmeros pequenos tubérculos cônicos. Parapódios curtos, cerdas notopodiais delgadas e espinhosas; cerdas neuropodiais bidentadas e unidentadas.

**DISTRIBUIÇÃO** – Brasil (Espírito Santo), Oeste da África, Mar Vermelho, Pacífico.

**Gênero *Robertianella* (McIntosh, 1885)**

Corpo longo, fortemente estreitado na região posterior. Prostômio formado por dois lóbulos ovóides e simétricos; com dois pares de olhos dispostos em linha transversal. Palpos cirros tentaculares e cirros dorsais totalmente lisos. Escamas glabras, translúcidas, em número de 13 pares. Cerdas ventrais consideravelmente mais longas que as dorsais (diagnose segundo McIntosh).

**Robertianella synophthalma McIntosh,  
1885.**

*Polynoë (Robertianella) synophthalma* McIntosh,  
1885: 122-124; est. 14, fig. 4; est. 20, fig. 5;  
est. 22A, fig. 12 e 13.

Corpo estreito e alongado, com cerca de 30 setígeros. Prostômio volumoso, com um profundo sulco mediano que o divide longitudinalmente em dois lobos ovalados, cada um dos quais com um par de olhos grandes, coalescentes e situados junto à margem posterior. Palpos e antenas glabros. Escamas lisas, sem tubérculos nem franjas. Cerdas neu-

ropodiais relativamente longas, pouco mais robustas que as notopodiais; com a metade distal discretamente inflada e estriada, com minúscula indentação no ápice.

**DISCUSSÃO** — Espécie conhecida apenas pelos dois exemplares do Challenger. McIntosh menciona o precário estado de conservação do material examinado. Hartman (1939: 107-108) a considera como válida.

**DISTRIBUIÇÃO** — Brasil (Alagoas) e ao largo das Ilhas Canárias; abissal, em profundidades de cerca de 2.900 metros.

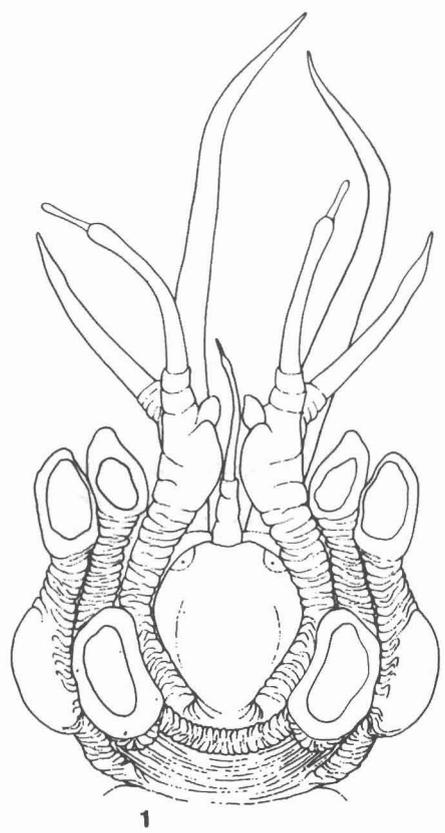
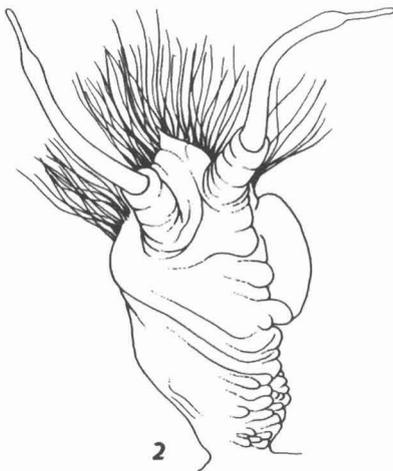
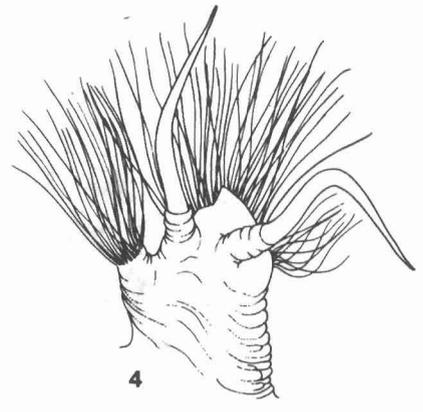
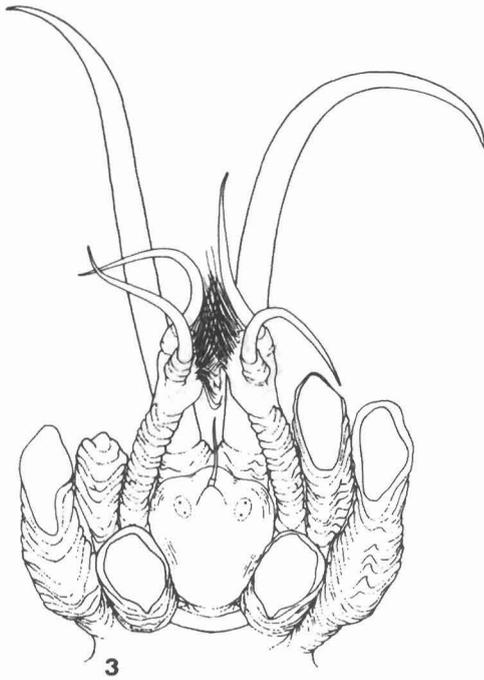
# Bibliografía

1. AMARAL, A. C. Z. & NONATO, E. F. 1975 – Alguns anelídeos poliquetos encontrados em painéis de substrato artificial en el Golfo de Cariaco, Cumana, Venezuela. *Bolm Inst. oceanogr. Univ. Oriente*, 14(2):233-242.
2. ANDREWS, E. A. 1981 – Report upon the Annelida Polychaeta of Beaufort, North Carol. *Proc. U. S. Nat. Mus.*, 14: 277-302.
3. AUGENER, H. 1906 – Westindische Polychaeten, Reports on the results of dredging, by the U. S. Coast Survey Steamer BLAKE. *Bull. Mus. comp. Zool. Harv.*, 43(4): 91-196.
4. ——— 1931 – Die bodensässigen Polychaeten nebst einer Hirudinee der Meteor-Fahrt. *Zool. Staatsinst. Mus. Hamburg, Mitt.*, 44: 279-313.
5. BAIRD, W. 1865 – Contributions towards a Monograph of the species of Annelids belonging to the Aphroditacea. *J. Proc. Linn. Soc. London*, VIII: 172-202.
6. BLANCHARD, E. 1849 – Annélides du Chile in Gay's *Historia física y política de Chile*. *Zoologia*, 3: 9-25. Paris.
7. DAY, J. H. 1967 – A monograph on the Polychaeta of Southern Africa. Part 1 Errantia. London, British Museum (Nat. Hist.), Publ. 656 p.
8. DELLE CHIAJE, S. 1841 – Descrizione e notomia degli animali invertebrati della Sicilia citeriore osservati vivi negli anni 1822-1830, 3: 142 p.
9. FAUCHALD, K. 1977 – The polychaete worms. Definitions and keys to the Orders, Families and Genera. *Hat. Hist. Mus. Los Angeles County-Science Serie* 28:188 p.
10. FAUVEL, P. 1923 – Polychètes errantes. *Faune Fr.*, 5: 488 p.
11. ——— 1953 – Annelida Polychaeta. The Fauna of India including Pakistan, Ceylon, Burma and Malaya. 507 p. Allahabad.
12. GRAVIER, C. 1901 – Contribution à l'étude des annélides polychètes de la Mer Rouge. *Nouv. Arch. Mus. Hist. nat., Paris (ser. 4)* 3: 147-268.
13. GRUBE, A. 1875 – Bemerkungen über die Familie der Aphroditen (Gruppe Hermionea und Sigalionina). *Jahresber. Schles. Gesells.*, Breslau, 52: 57-59.
14. HARTMAN, O. 1939 – Polychaetous Annelids. Part 1. Aphroditidae to Pisionidae. *Allan Hancock Pac. Exped.* 7(1): 156 p.
15. ——— 1948 – The marine annelids erected by Kinberg with notes on some other types in the Swedish State Museum. *Ark. Zool. Stockholm*, 42A (1): 137 p.
16. ——— 1959 – Catalogue of the polychaetous annelids on the World. Parts 1 and 2. *Allan Hancock Fdn Occ. Pap.* (23): 628 p.

17. ——— 1965 – Catalogue of the polychaetous annelids of the world. Occ. Pap. Allan Hancock Fdn, 23: 197 p.
18. HARTMAN-SCHRÖDER, G. 1971 – Annelida, Borstenwürmer, Polychaeta. Tierwelt Deutschlands, 58: 594 p.
19. HORST, R. 1917 – Polychaeta Errantia of the Siboga Expedition. Pt. 2 Aphroditidae and Chrysopetaliidae. Siboga-Exped. Leyden, 24(b): 140 p.
20. KINBERG, J. G. H. 1910 – Konglia Svenska Fregatten *Eugenies* Resa omkring jorden under befäl af C. A. Virgin aren 1851-1853. 3. Annulater. Uppsala & Stockholm, Almqvist & Wicksells. 78 p.
21. McINTOSH, W. C. 1885 – Report of the Annelida collected by H. M. S. Challenger during the years 1873-76. Challenger Rep., 12: 554 p.
22. MORGADO, H. E. 1980 – A endofauna de *Schizoporella unicornis* (Johnstohn, 1847) (Bryozoa), no litoral Norte do Estado de São Paulo. Tese de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Biologia, 118 p.
23. NONATO, E. F. & LUNA, J. A. C. 1970 – Sobre alguns poliquetas de escamas do nordeste do Brasil. Bolm Inst. oceanogr., S. Paulo, 18(1): 63-91.
24. ORENSANZ, J. M. 1972 – Los anelidos poliquetos de la provincia biogeografica Argentina. II. APHRODITIDAE. Physis, B. Aires, 31(83): 503-518.
25. ORENSANZ, J. M. & GIANUCA, N. M. 1974 – Contribuição ao conhecimento dos anelídeos poliquetas do Rio Grande do Sul, Brasil. I. Lista sistemática preliminar e descrição de três espécies Comun. Mus. Ci. PUC/RGS, Porto Alegre, (4): 37 p.
26. PETTIBONE, M. H. 1955 – New species of polychaete worms of the family Polynoidae from the east coast of North America. J. Washington Acad. Sci. 45(4): 118-126.
27. QUATREFAGES, A. de. 1865 – Histoire naturelle des annelés marins et d'eau douce. Paris. Libr. Encycl. de Rôret, v. 1 (Annélides et Géphyriens): 588 p.
28. RULLIER, F. & AMOUREUX, L. 1979 – Annélides Polychètes. Campagne de la "Calypso" au large des côtes atlantiques de l'Amérique du Sud. (33). Ann. Inst. océanogr. 55(supl.): 145-206.
29. SEIDLER, H. J. 1923 – Beiträge zur Kenntnis der Polynoiden II. Zool. Anz., 55, pt. 3/4: 74-80.
30. TREADWELL, A. L. 1925 – A new species of polychaetous annelid from Uruguay, *Aphrodita magna*. U. S. Nat. Mus., Proc. 67 (2584): 3 p.
31. ——— 1937 – The templeton Croker Expedition. Polychaetous annelids from the west coast of Lower California, the Gulf of California and Clarion Island. Zoologia, N. Y. 22: 139-160.

# *Ilustrações*

***Desenhos: Toyomi Naruto***



**Aphrodita longicornis KINBERG**

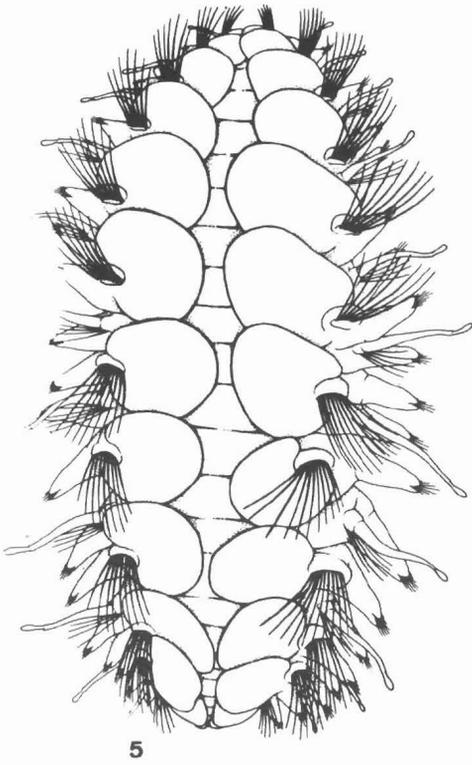
Fig. 1 - Região anterior (cerdas não representadas).

Fig. 2 - Primeiro parapódio.

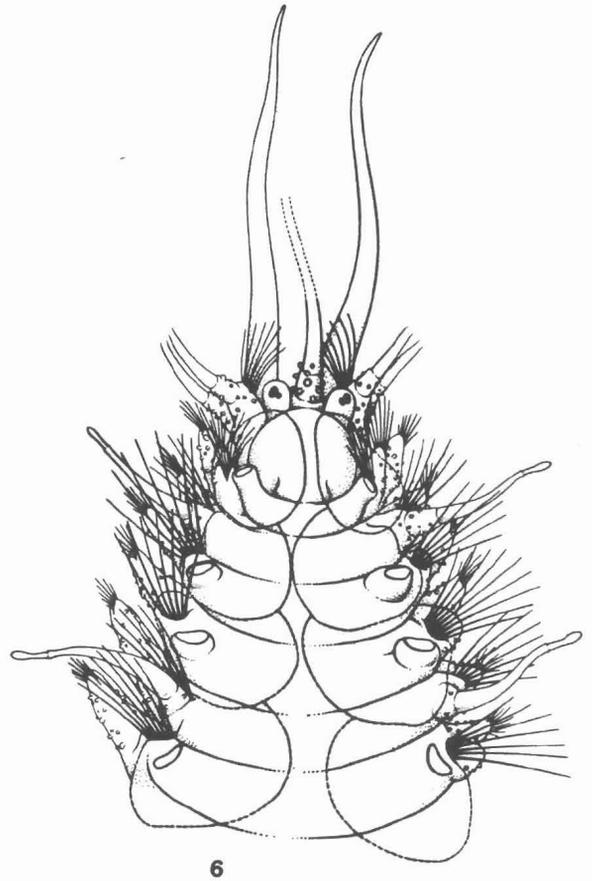
**Aphroditella alta KINBERG**

Fig. 3 - Região anterior (cerdas não representadas).

Fig. 4 - Primeiro parapódio.



5



6



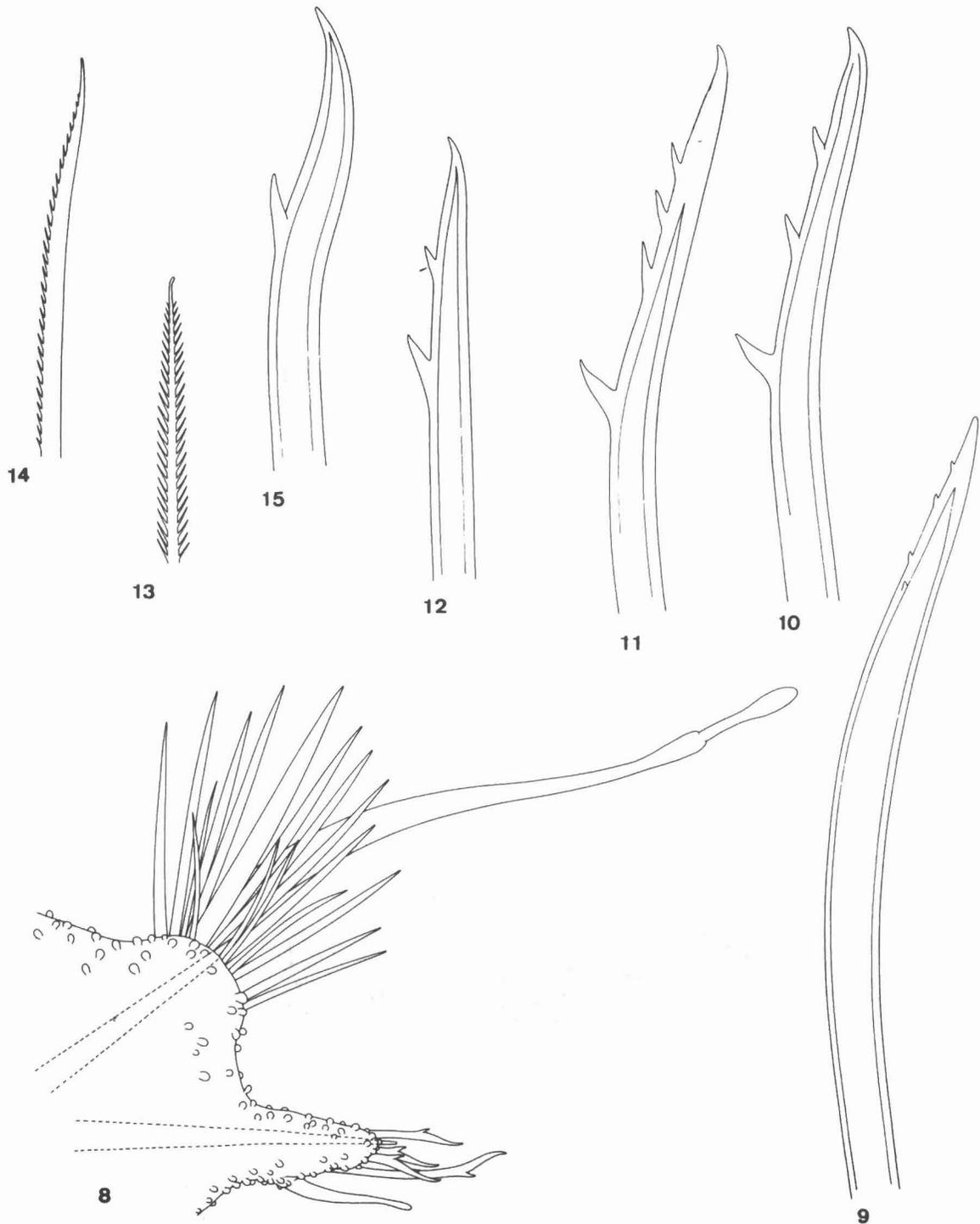
7

**Aphrogenia alba KINBERG**

Fig. 5 - Animal inteiro, vista dorsal.

Fig. 6 - Região anterior.

Fig. 7 - Parapódio do 39º setífero..



***Aphrogenia alba* KINBERG**

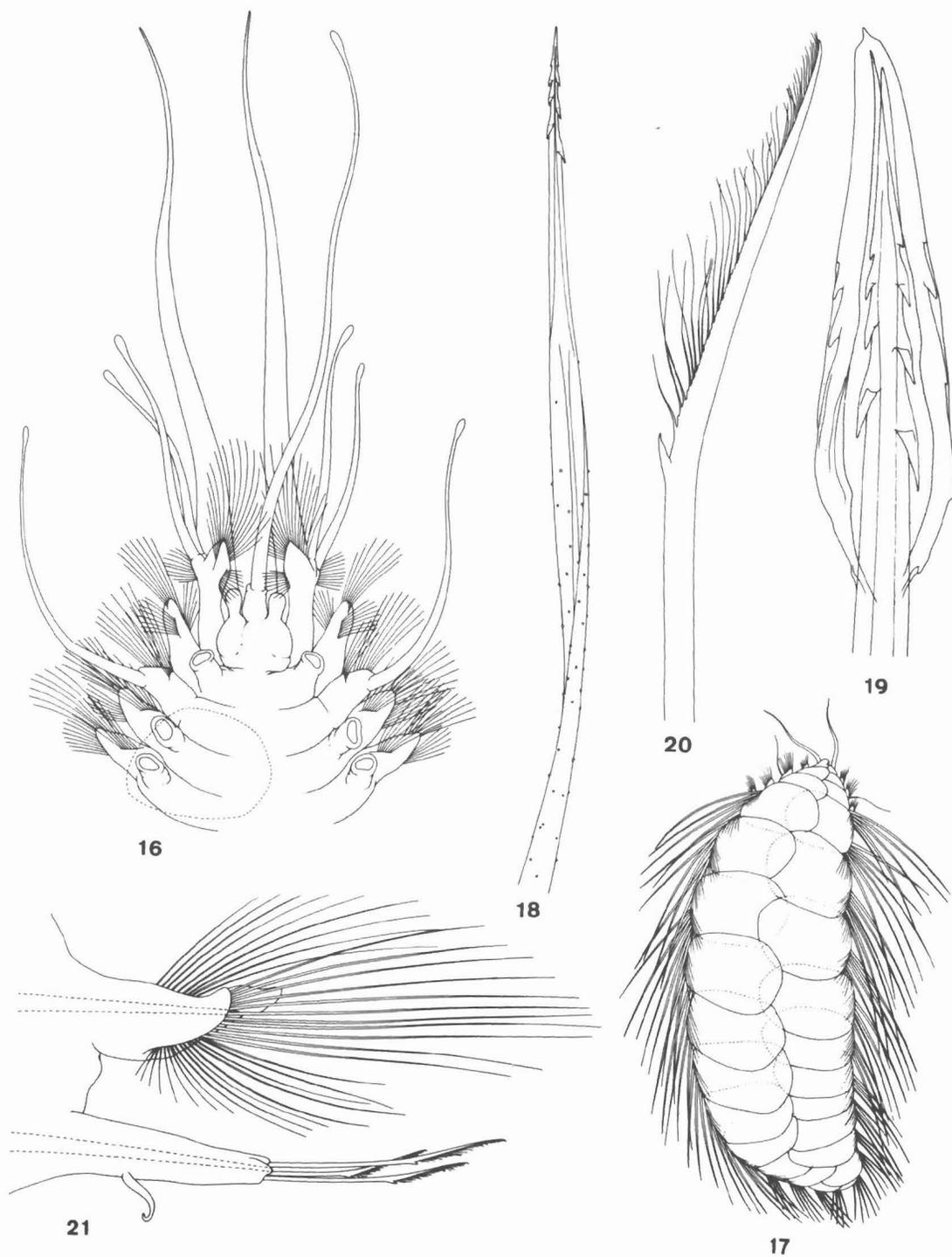
Fig. 8 - Parapódio de um setífero mediano.

Fig. 9 - Cerda notopodial, em forma de sabre.

Fig. 10, 11 e 12 - Cerdas neuropodiais, furcadas.

Fig. 13 e 14 - Cerdas neuropodiais, capilares serrilhadas.

Fig. 15 - Cerda neuropodial furcada, com um único dente acessório.



***Laetmonice parva* sp. nov.**

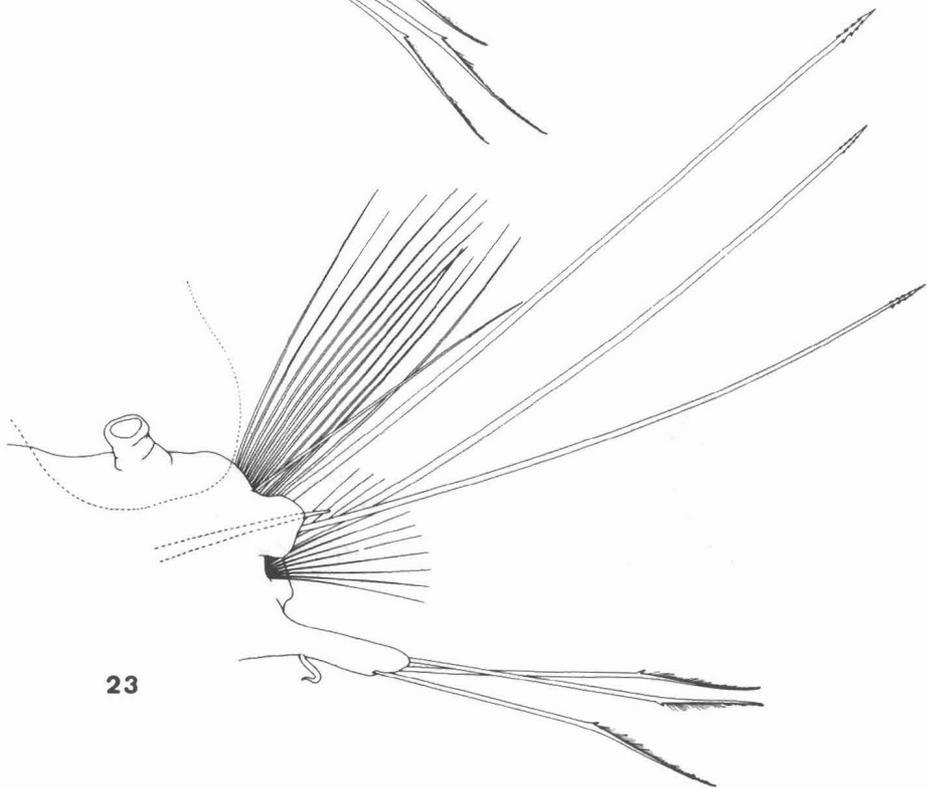
Fig. 16 - Região anterior.

Fig. 17 - Animal inteiro, vista dorsal.

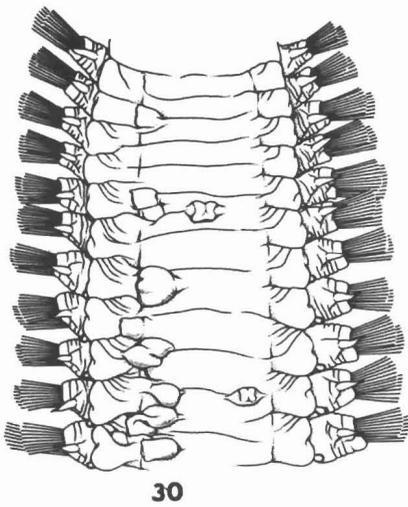
Fig. 18 e 19 - Cerda notopodial, em arpão.

Fig. 20 - Cerda neuropodial, pectinada ou plumosa.

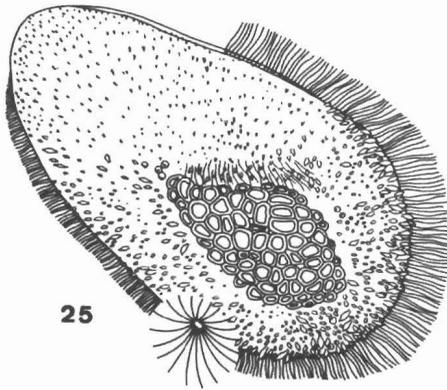
Fig. 21 - Parapódio de um setífero mediano.



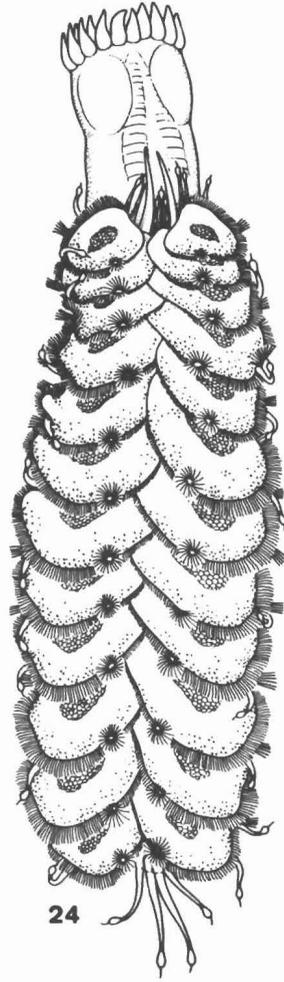
**Laetmonice parva sp. nov.**  
Fig. 22 — Parapódio com cirro dorsal.  
Fig. 23 — Parapódio com elitróforo.



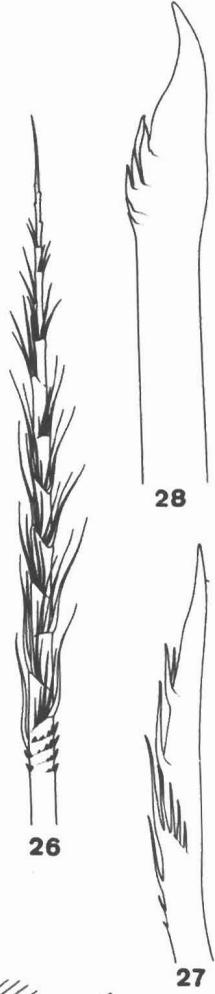
30



25



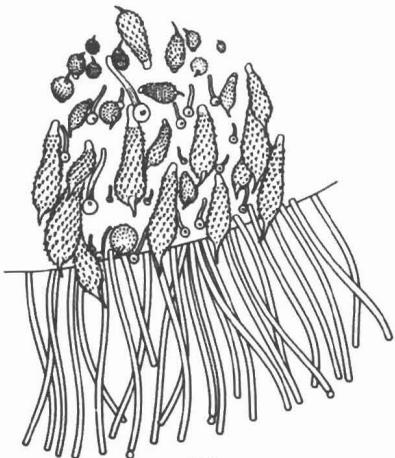
24



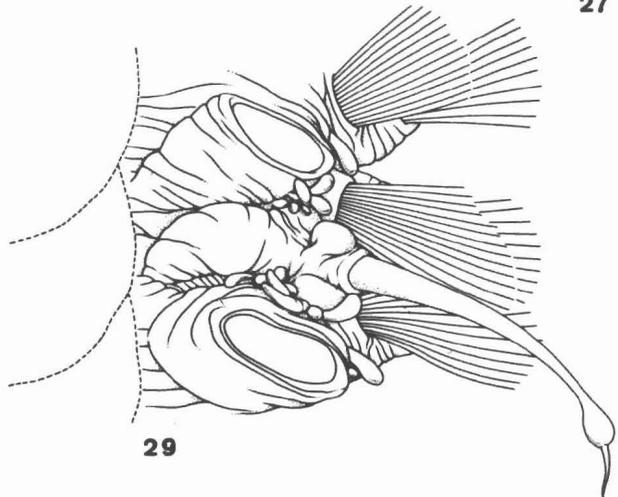
26

28

27



31

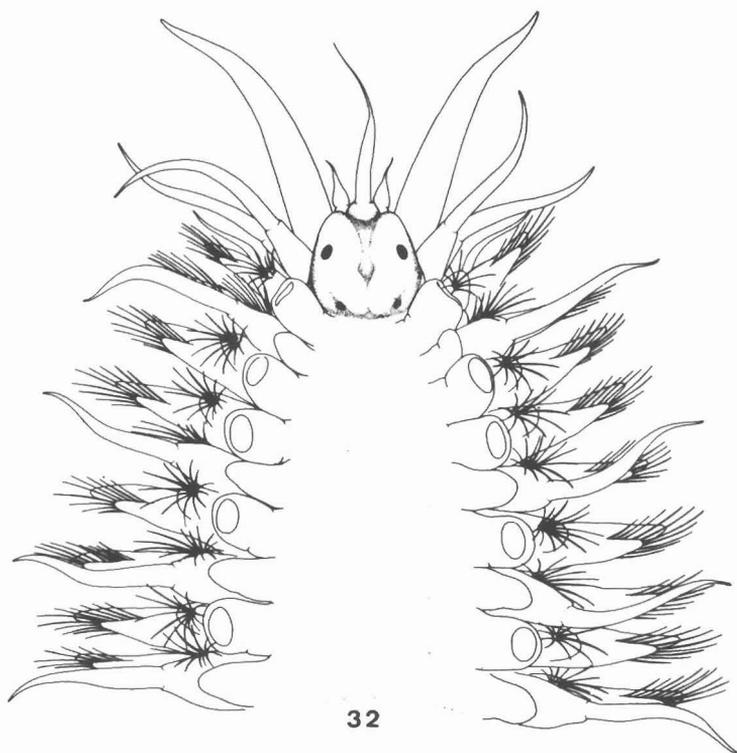


29

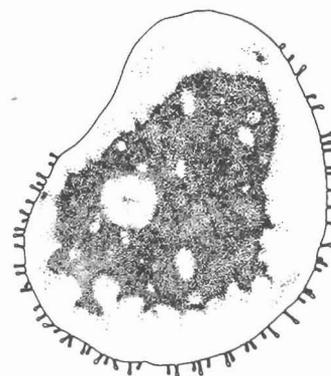
**Chaetacanthus magnificus (Grube)**

- Fig. 24 - Animal inteiro, vista dorsal.
- Fig. 25 - Escama de um setígero mediano.
- Fig. 26 - Cerda neuropodial acicular, com extremidade em espiga.
- Fig. 27 - Cerda neuropodial farpada.

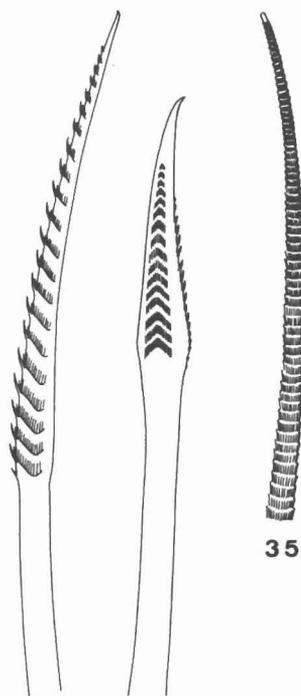
- Fig. 28 - Cerda neuropodial acicular da região mediana e posterior.
- Fig. 29 - Detalhe, face dorsal de 3 segmentos medianos, mostrando brânquias saculares digitadas.
- Fig. 30 - Face ventral de segmentos medianos.
- Fig. 31 - Detalhe de uma escama mediana.



32



33



35

37

36



34

***Eunoë papilosa* sp. nov.**

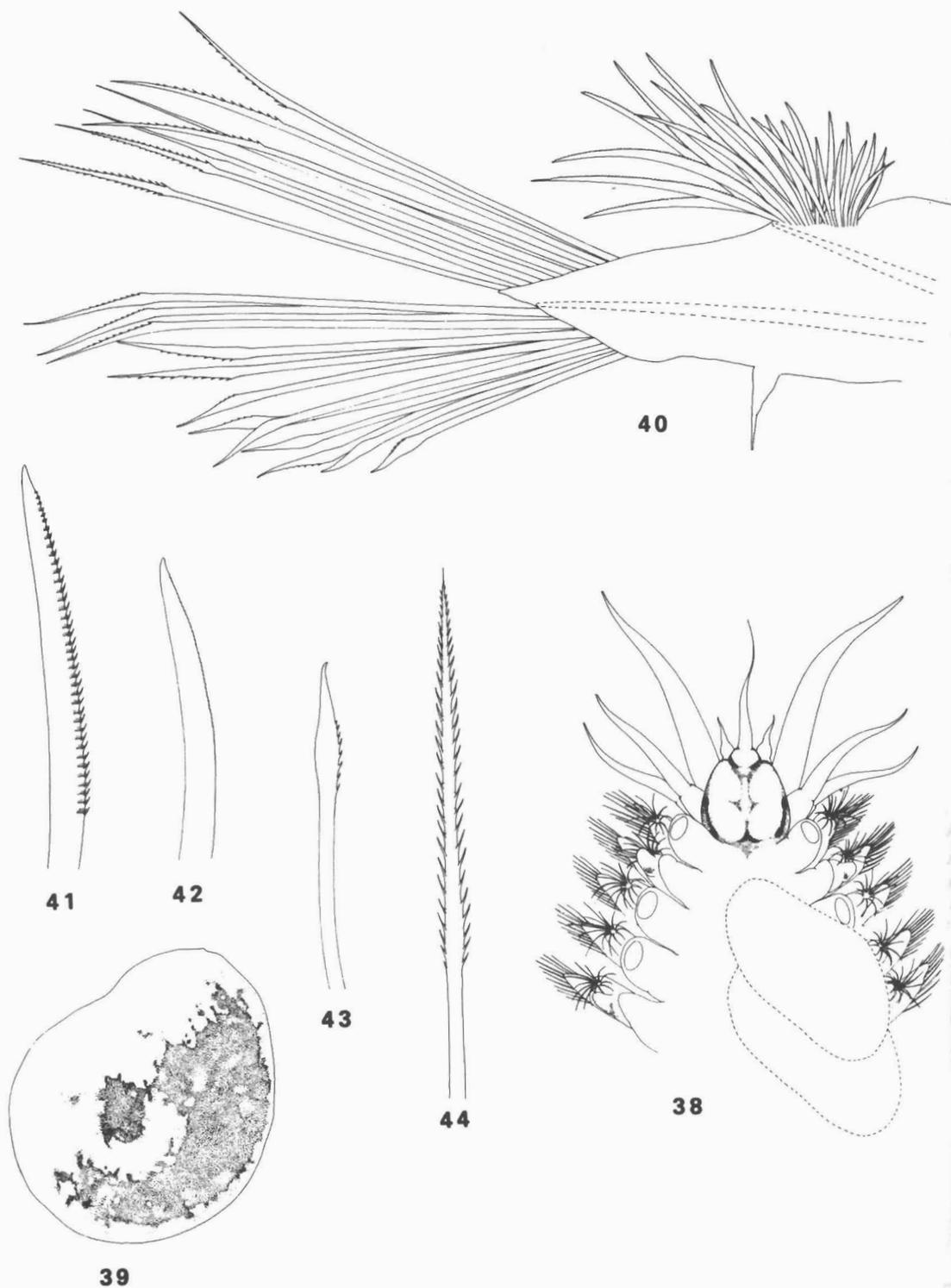
Fig. 32 - Região anterior.

Fig. 33 - Escama de um setígero mediano.

Fig. 34 - Parapódio de um setígero mediano.

Fig. 35 - Cerda notopodial superior e inferior.

Fig. 36 e 37 - Cerdas neuropodiais.



***Eunoë serrata* sp. nov.**

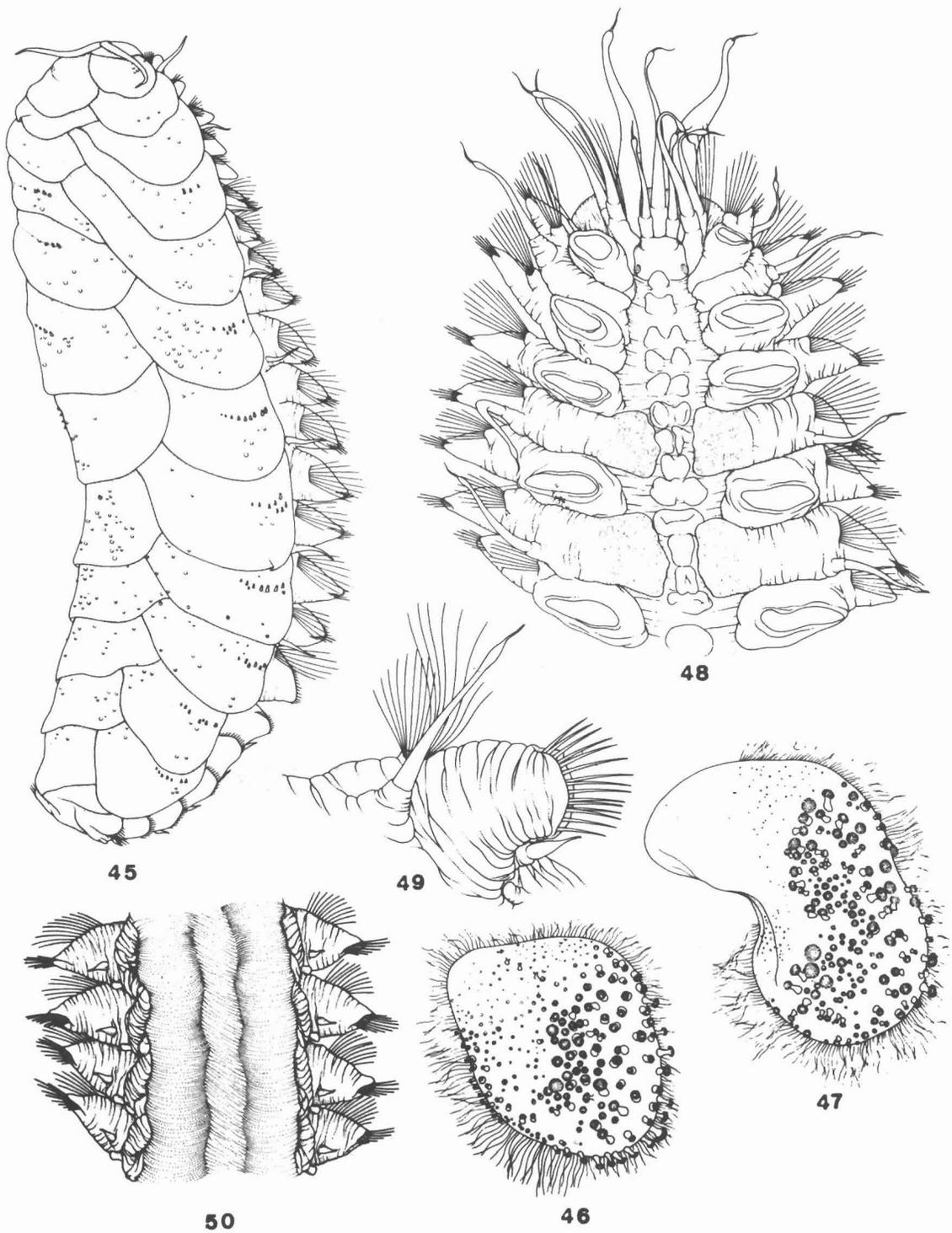
Fig. 38 - Região anterior.

Fig. 39 - Escama de um setífero mediano.

Fig. 40 - Parapódio de um setífero mediano.

Fig. 41 e 42 - Cerdas notopodiais.

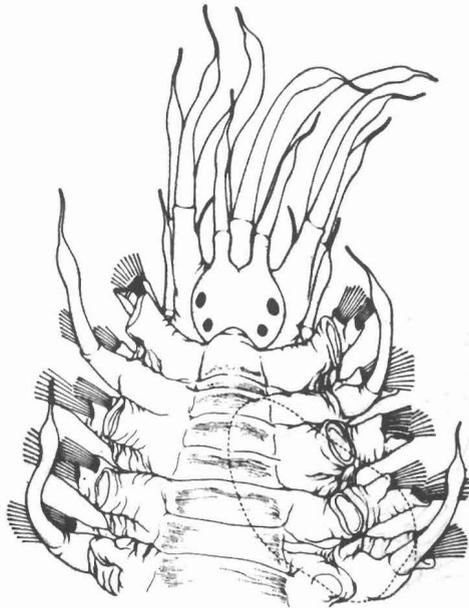
Fig. 43 e 44 - Cerdas neuropodiais falcadas.



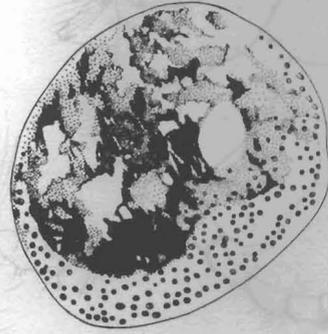
***Euphionella besnardi* sp. nov.**

- Fig. 45 - Animal inteiro, vista dorsal.  
 Fig. 46 - Escama de um setígero anterior.  
 Fig. 47 - Escama de um setígero mediano.  
 Fig. 48 - Região anterior, vista dorsal, mostrando "pseudo-élitros" nos segmentos dotados de cirro dorsal.

- Fig. 49 - Parapódio de um setígero mediano.  
 Fig. 50 - Detalhe, face ventral, mostrando papilas nefridiais.



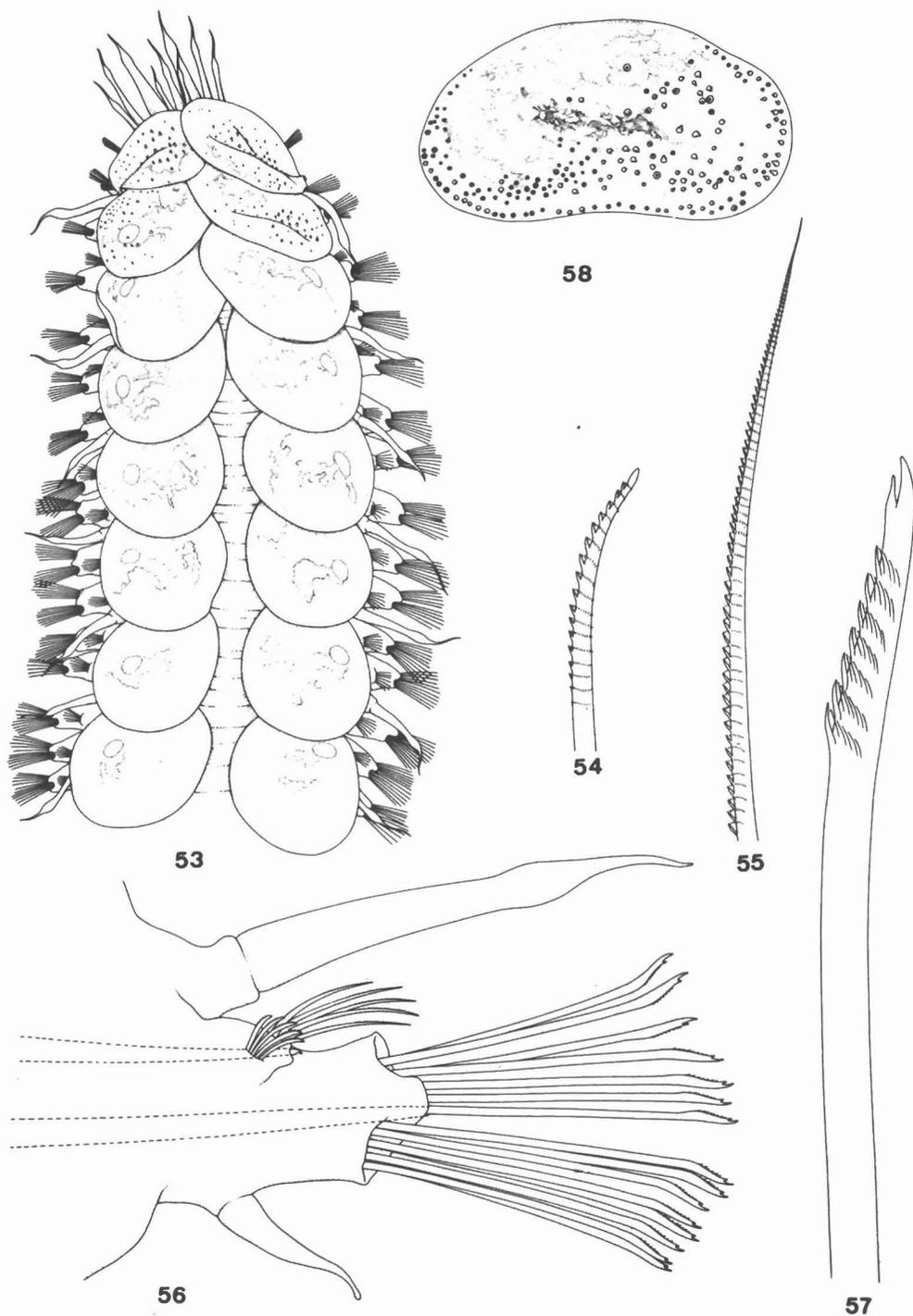
51



52

**Halosydna glabra HARTMAN**

- Fig. 51 - Região anterior, vista dorsal.  
 Fig. 52 - Escama de um setígero anterior.



**Halosydnella brasiliensis KINBERG**

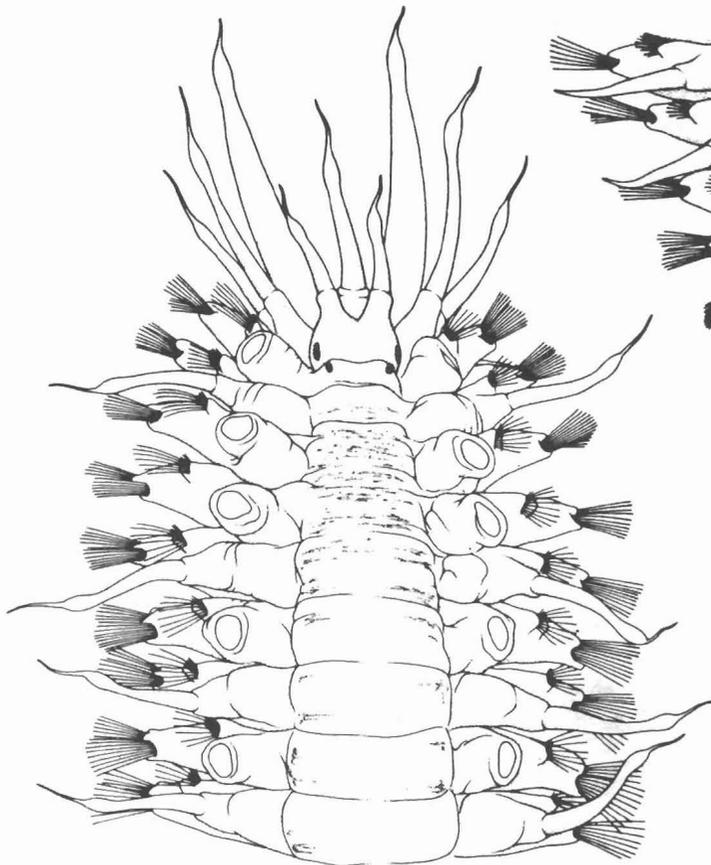
Fig. 53 - Região anterior, vista dorsal, com escamas.

Fig. 54 e 55 - Cerdas notopodiais.

Fig. 56 - Parapódio de um setífero mediano.

Fig. 57 - Cerdá neuropodial.

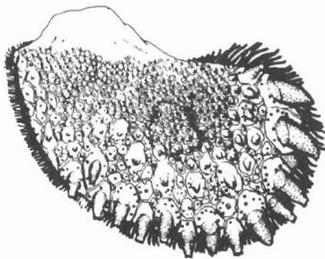
Fig. 58 - Escama de um setífero mediano.



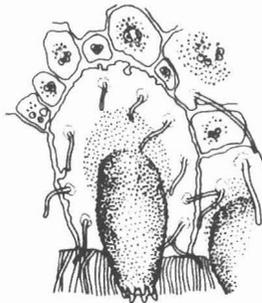
59



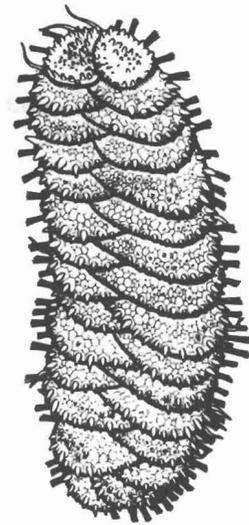
60



61



62



63

**Halosydnella brasiliensis KINBERG**

Fig. 59 - Região anterior, vista dorsal (escamas removidas).

Fig. 60 - Região posterior, vista dorsal.

**Harmothoë aculeata ANDREWS**

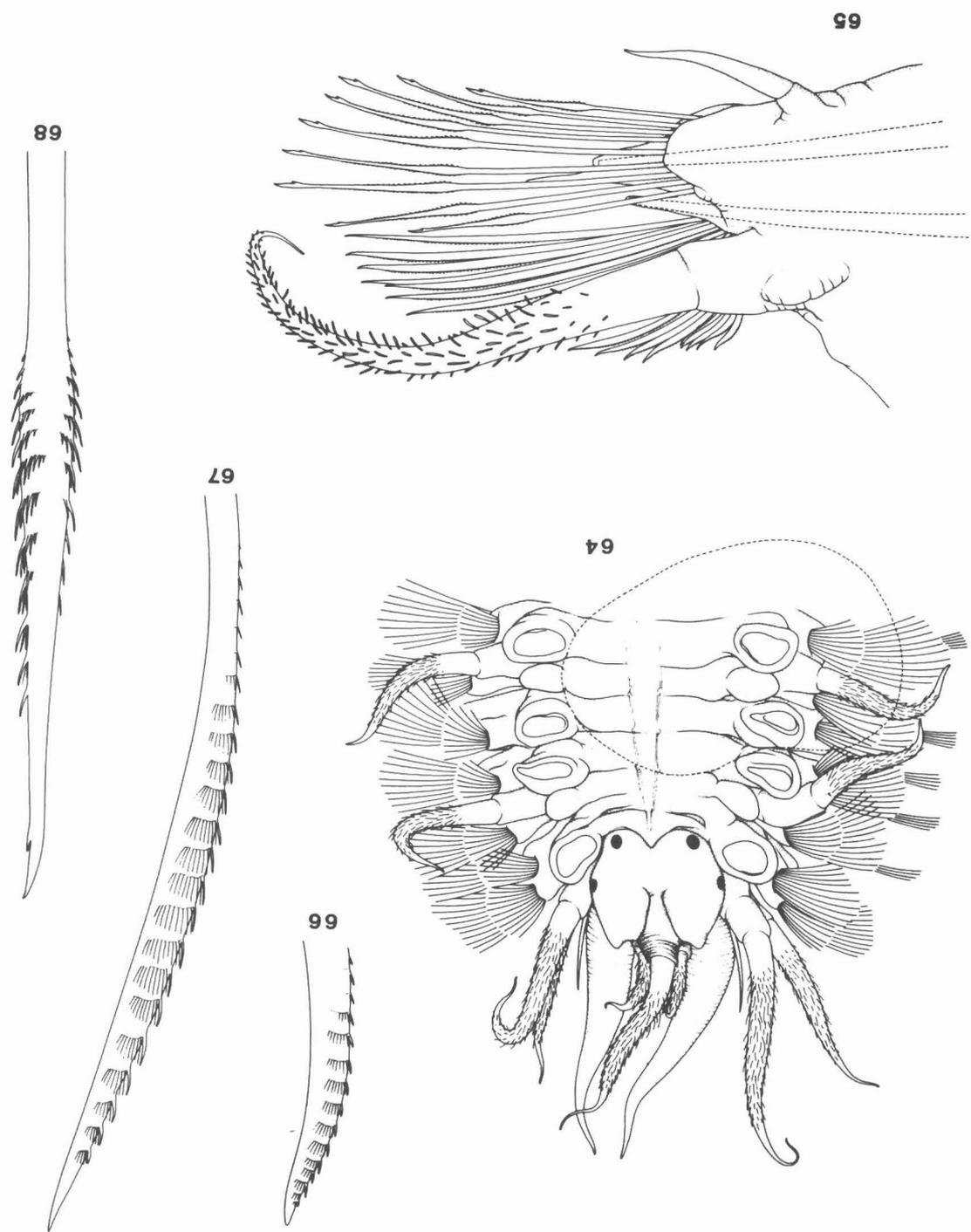
Fig. 61 - Escama de um setífero mediano.

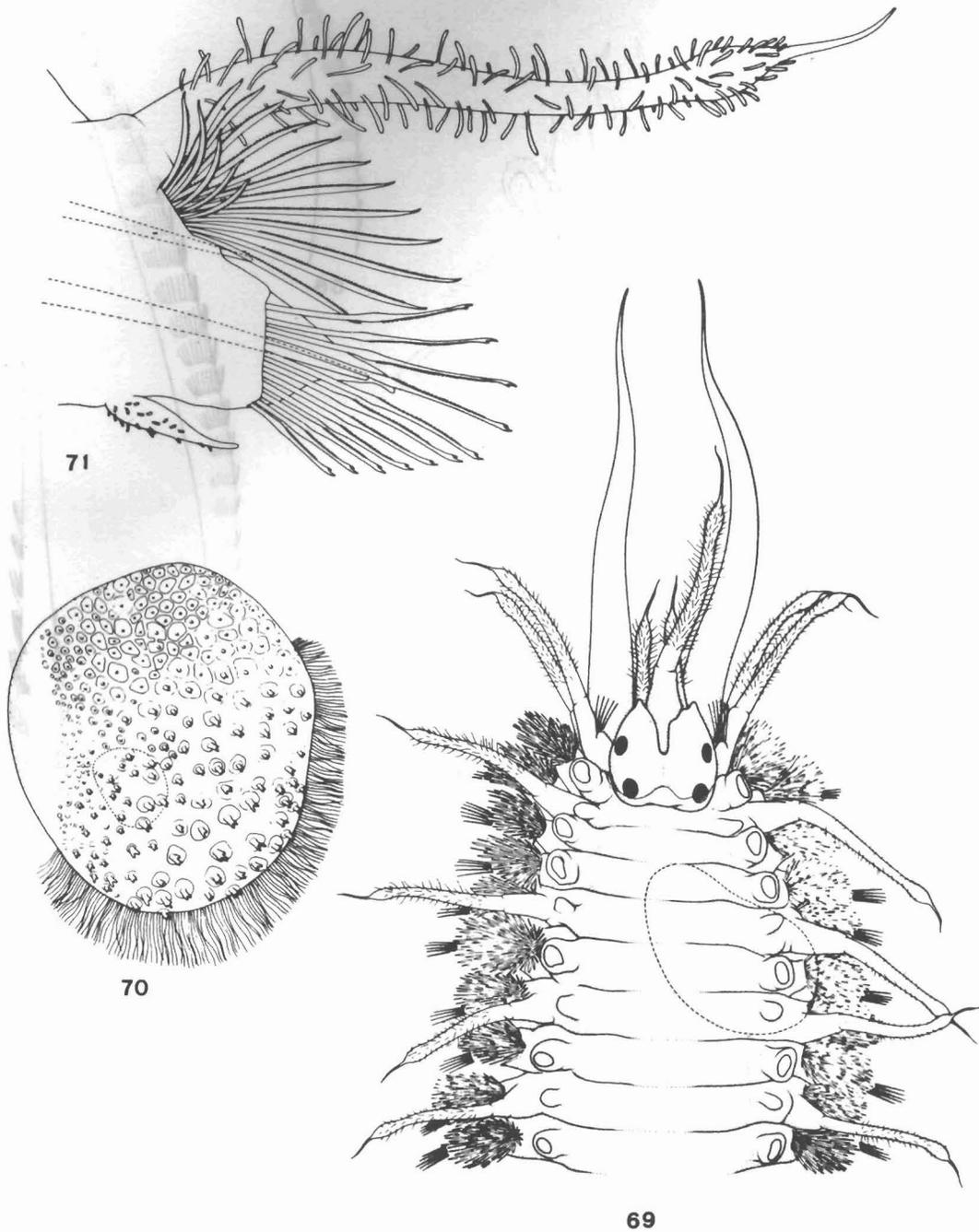
Fig. 62 - Detalhe da escama.

Fig. 63 - Animal inteiro, vista dorsal.

*Harmothoe aculeata* ANDREWS

Fig. 64 - Região anterior.  
Fig. 65 - Parápódio de um setígero mediano.  
Fig. 66 e 67 - Cerdas notopodiais serrilhadas.  
Fig. 68 - Cerdas neuropodiais bidentadas.



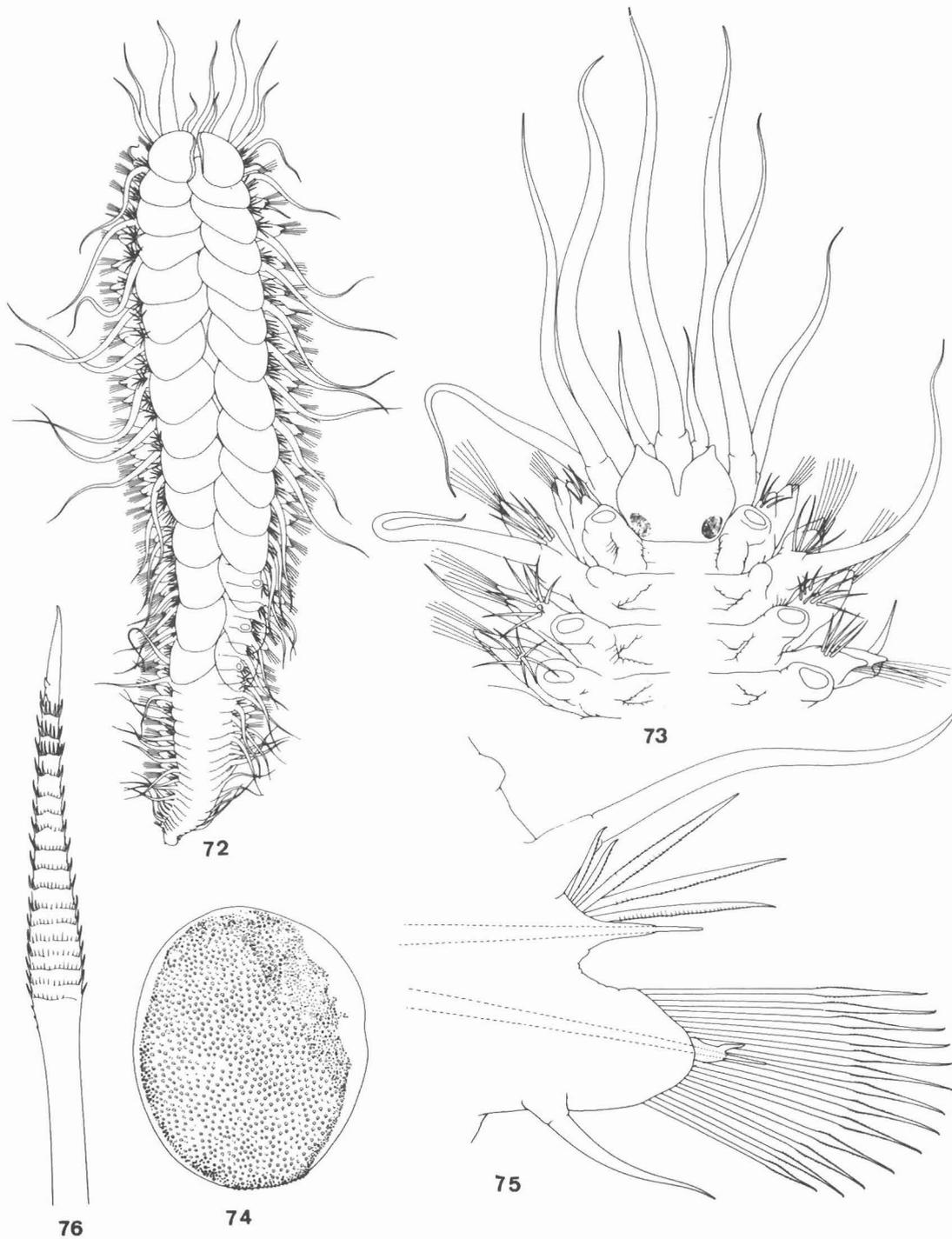


**Harmothoë macginitiei** PETTIBONE

Fig. 69 - Região anterior.

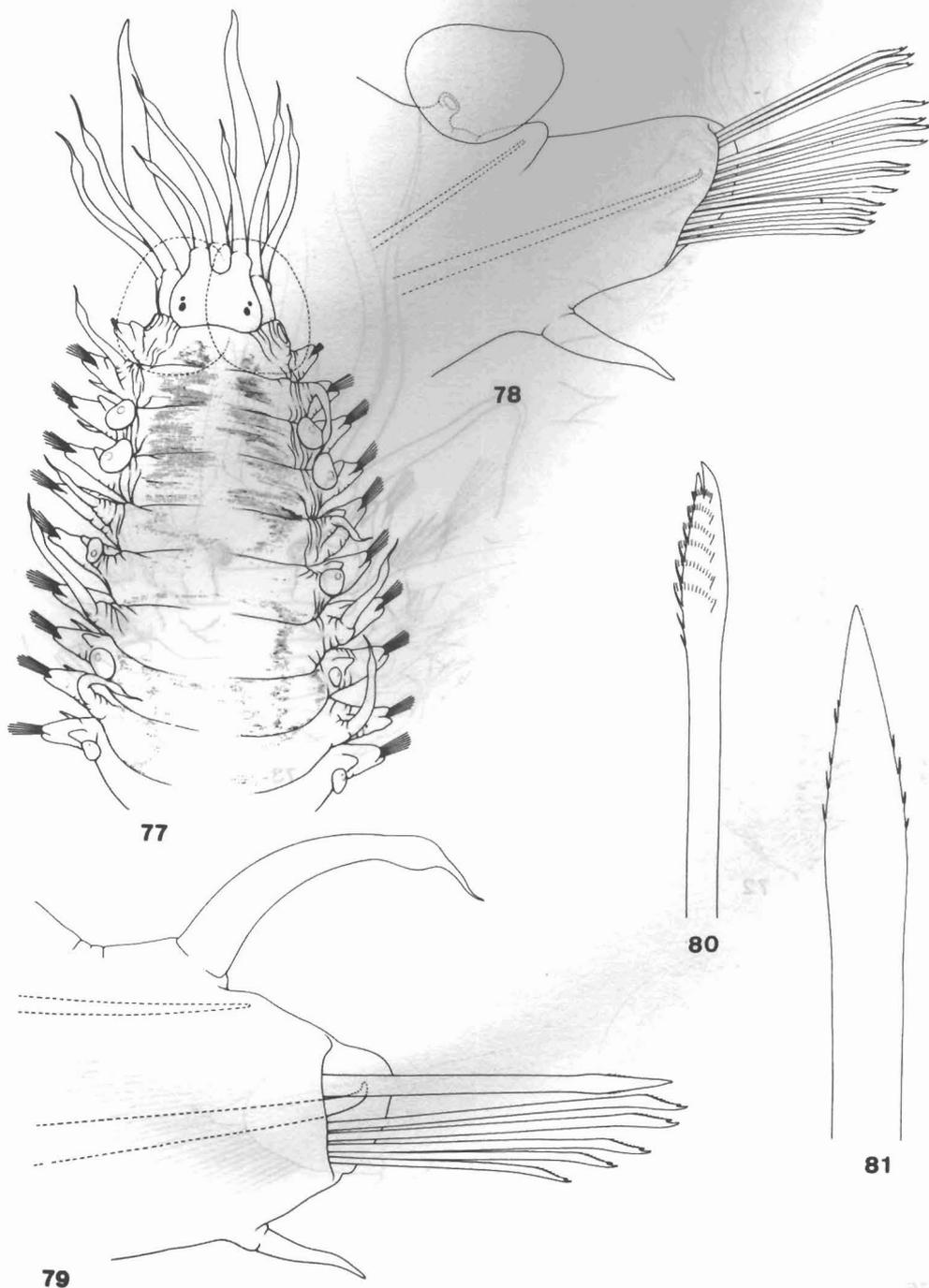
Fig. 70 - Escama de um setífero mediano.

Fig. 71 - Parapódio de um setífero mediano.



***Lagisca lepida* sp. nov.**

- Fig. 72 - Animal inteiro, vista dorsal.  
 Fig. 73 - Região anterior.  
 Fig. 74 - Escama de setífero mediano.  
 Fig. 75 - Parapódio de um setífero mediano.  
 Fig. 76 - Cerda notopodial.



***Lepidasthenia esbelta* sp. nov.**

- Fig. 77 - Região anterior.  
 Fig. 78 - Parapódio mediano com escama.  
 Fig. 79 - Parapódio mediano com cirro dorsal  
 (cerda gigante presente).  
 Fig. 80 - Cerda acicular bidentada.  
 Fig. 81 - Cerda gigante unidentada.